

APRENDER SEMPRE

Material do Professor

Língua Portuguesa

3ª SÉRIE
ENSINO MÉDIO



Governo do Estado de São Paulo

Governador

João Doria

Vice-Governador

Rodrigo Garcia

Secretário da Educação

Rossieli Soares da Silva

Secretário Executivo

Haroldo Corrêa Rocha

Chefe de Gabinete

Renilda Peres de Lima

Coordenador da Coordenadoria Pedagógica

Caetano Pansani Siqueira

Apresentação

A construção do **Aprender Sempre** foi motivada a partir do diagnóstico das aprendizagens dos estudantes da rede pública paulista, mensuradas pelas avaliações internas e externas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, que mostram que muitos estudantes concluem essas etapas de ensino sem terem aprendido o que deveriam.

Nessa perspectiva, ele foi pensado com a finalidade de priorizar o trabalho com as habilidades de Língua Portuguesa e de Matemática, consideradas essenciais para o percurso educacional dos estudantes ao término dos Ensinos Fundamental e Médio.

Esse material destina-se a estudantes do 9º Ano do Ensino Fundamental e da 3ª Série do Ensino Médio e está alicerçado nas habilidades que, por diferentes circunstâncias ocorridas no percurso escolar, ainda se encontram em desenvolvimento e necessitam de apoio pedagógico para que as aprendizagens essenciais sejam asseguradas.

Sob essa concepção, ressalta-se a necessidade de fortalecer, em nossos estudantes, a confiança na capacidade de aprender, com o objetivo de que consolidem, com sucesso, o processo de escolarização.

O **Aprender Sempre** oferece ao docente sequências de atividades com metodologias pensadas para a sala de aula. Esse material, utilizado a partir das experiências pedagógicas dos professores, pretende contribuir para que as aprendizagens de todos os estudantes sejam asseguradas, de acordo com suas necessidades específicas.

Bom trabalho a todos!

Coordenadoria Pedagógica - COPED

SUMÁRIO

Língua Portuguesa

Carta de apresentação às sequências de atividades de Língua Portuguesa	4
Sequência de atividades 1	
OS JOVENS DE HOJE EM DIA... REPRESENTAÇÕES DE JUVENTUDE	5
Sequência de atividades 2	
O QUE FAÇO COM ESSA INFORMAÇÃO? JOVENS: VITIMAS DE VIOLÊNCIA	16
Sequência de atividades 3	
O QUE FAÇO COM ESSA INFORMAÇÃO? DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS E JUVENTUDE	23
Sequência de atividades 4	
LEVANTANDO ARGUMENTOS	31
Sequência de atividades 5	
O QUE FAÇO COM ESSA INFORMAÇÃO? A MULHER JOVEM NO BRASIL	39
Sequência de atividades 6	
DISCUTA COM SEUS COLEGAS: O QUE SIGNIFICA “IGUALDADE DE DIREITOS”?	45
Sequência de atividades 7	
DISCUTA COM SEUS COLEGAS: LUGAR DE FALA E LIBERDADE DE EXPRESSÃO	50
Sequência de atividades 8	
JUVENTUDES EM DEBATE – PARTE 1	55
Sequência de atividades 9	
JUVENTUDES EM DEBATE – PARTE 2	62

Caro professor,

Com o objetivo de o estudante tornar-se proficiente em leitura e escrita de textos variados, é fundamental que ele desenvolva estratégias relacionadas à antecipação, à inferência e à verificação, procedimentos básicos para que se (re)construa os sentidos dos textos.

Nessa perspectiva, desenvolveu-se o material Aprender Sempre, que visa a priorizar o trabalho com as habilidades descritas nas sequências de atividades, consideradas básicas para a aprendizagem do estudante, norteadas as ações a serem desenvolvidas e a apoiar as práticas pedagógicas a serem consideradas em sala de aula.

Ao professor cabe, portanto, verificar como o desenvolvimento da turma ocorre. Para isso, sugerimos que se trabalhe com metodologias diferenciadas, tais como, rodas de leitura, dramatizações, agrupamentos produtivos, a fim de garantir a equidade nesse processo.

Equipe de Língua Portuguesa

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES 1

OS JOVENS DE HOJE EM DIA... REPRESENTAÇÕES DE JUVENTUDE: ESTILO E IDENTIDADE

Na **ATIVIDADE 1**, a proposta é o desenvolvimento de uma discussão em torno dos hábitos de consumo e culturais juvenis, destacando, fundamentalmente, sua relação com a identidade. Para tanto, sugerimos a leitura da reportagem “Identidade Parcelada”, da qual foram destacadas partes fundamentais para o estudo. “Identidade Parcelada” compõe uma reportagem multimídia. Para uma experiência mais rica de leitura, sugerimos, se possível, que os estudantes acessem e leiam o texto na Internet e que possam navegar pelos vídeos e links disponíveis na reportagem:

Identidade parcelada. Disponível em: <<http://escoladejornalismo.org/identidadeparcelada/>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

Caso julgue adequado ao seu contexto, você também pode ampliar os trabalhos, indicando a leitura dos materiais sugeridos abaixo:

Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA):

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 27 jun. 2019.

Estatuto da Juventude:

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm>. Acesso em: 27 jun. 2019>. Acesso em: 27 jun. 2019.

Juventude no Brasil (Unesco):

Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/sociais-e-humanas/ciencias-da-educacao/juventude>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

O trabalho aqui articula práticas de leitura de textos dos campos jornalístico/midiático, de atuação na vida pública e práticas de leitura. Para planejar o trabalho com esta sequência de atividade propomos que organize o trabalho prevendo o uso de aproximadamente 4 aulas.

Como apoio ao seu planejamento, apresentamos a seguir um quadro resumo com as habilidades em foco:

- ✓ Localizar informações explícitas em um texto;
- ✓ Inferir uma informação implícita em um texto;
- ✓ Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, foto etc.).

Antes de iniciarmos nosso caminho é importante pensarmos sobre nosso contexto: o lugar que os jovens assumem em nossa sociedade e o seu papel dentro dos debates locais e globais.

1. “Juventude” é um termo de difícil definição. Veja algumas frases abaixo que podem nos dar algumas pistas sobre como caracterizar juventude:

Esse início tem por objetivo preparar os estudantes para as atividades e fazer com que mobilizem conhecimentos prévios necessários para as discussões que virão a seguir.

Estatuto da Criança e do Adolescente

Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. (Artigo 2º)

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm> . Acesso em: 17 jun. 2019.

Estatuto da Juventude

Para os efeitos desta Lei, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade. (Título I, Capítulo I – Artigo 1º, Parágrafo 1º)

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm> Acesso em: 17 jun. 2019.

Nações Unidas

As Nações Unidas definem “juventude” como a faixa etária que abrange pessoas entre os 15 e os 24 anos de idade. No entanto, sabemos que a experiência de ser jovem pode variar enormemente em todo o mundo, e que, muitas vezes, juventude é uma categoria fluida e mutável. Como tal, o contexto é sempre um guia importante para a UNESCO na definição de juventude em ocasiões específicas, sendo que essa definição é flexível e pode variar entre países e regiões.

Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/sociais-e-ciencias-humanas/juventude/>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

2. Discuta com seus colegas as questões indicadas.

a) Quais são as diferenças e semelhanças entre as definições anteriores?

As três definições são baseadas em uma concepção biológica e na idade do indivíduo. No entanto, as Nações Unidas trazem também uma indicação de que o conceito de juventude pode abranger condições diversas e fluidas, como uma experiência que pode variar socialmente, de acordo com o país ou região.

b) Você conhece os Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e o Estatuto da Juventude? Do que tratam?

Resposta pessoal. Os estudantes podem indicar nunca terem lido nenhum dos dois documentos. Se houver algum colega na classe que já tenha tido contato com esses Estatutos, dê espaço para que compartilhe sua experiência e conhecimento com os colegas. Caso contrário, se julgar adequado ao seu contexto escolar, pode indicar a leitura dos dois estatutos:

- Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA): Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 27 jun. 2019.
- Estatuto da Juventude: Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm>. Acesso em: 27 jun. 2019.

No entanto, comente, caso nunca tenham lido os Estatutos, que provavelmente já devem ter escutado falar deles. Ambos são muito mencionados pela mídia; é o tipo de documento do qual sempre escutamos falar em debates envolvendo jovens, como por exemplo, na discussão sobre a diminuição da maioridade penal. Destaque que os dois estatutos expressam as condições que definem estes grupos na nossa sociedade. Eles são destinados à proteção, deveres e conservação dos direitos legais de crianças e jovens.

c) Qual a importância de se ter **Estatuto da Criança e do Adolescente** e **Estatuto da Juventude** no cenário nacional?

Resposta pessoal. É importante que os estudantes reconheçam a importância do Estatuto da Criança e do Adolescente e Estatuto da Juventude como documentos que garantem a proteção, deveres e conservação dos direitos legais de crianças e jovens. Dessa forma, podem reconhecer a relevância em debates sobre maioridade penal, ou mesmo sobre medidas socioeducativas disponíveis aos adolescentes em instituições públicas, por exemplo. Proporcione discussões para que os jovens percebam que os Estatutos ajudam a garantir tratamento adequado para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade e previnem que abusos possam ocorrer.

3. Na verdade, podemos dizer que, para além da idade, ser jovem diz respeito a uma experiência “múltipla”. Ser jovem refere-se à identidade, valores, referências culturais e modos de vida. A seguir, você irá ler trechos de uma reportagem produzida por jovens que investigaram um ponto bem importante para o universo das culturas juvenis: a relação existente entre *consumo*, *identidade* e *estilo*.

4. Durante sua leitura, tome notas para levantar as seguintes informações que serão discutidas após a leitura:

a) De que forma o consumo é apresentado e descrito pelos jovens na reportagem?

Com uma forma de expressar seu estilo e criar uma identidade para si e para aqueles a sua volta.

b) Com relação ao nome da reportagem, o que podemos inferir:

- O que levou os participantes a escolhê-lo?

- Você considera o nome adequado? Por quê?

Resposta pessoal. Professor, é importante que os estudantes reconheçam que a reportagem desenvolve reflexão sobre um tema presente na vida dos próprios autores da reportagem e, dessa forma, cria maior identidade com o público jovem pela linguagem utilizada.

Identidade Parcelada

“Na periferia, você vale o que tem, mano”

Podia ser apenas uma citação de “1 por amor, 2 por dinheiro” dos *Racionais Mc’s*, mas a frase saiu da boca de outro nome conhecido do Capão Redondo - o escritor e fundador da marca 1dasul, Ferréz. Ferréz foi um dos manos entrevistados na nossa grande reportagem sobre identidade, consumo e juventude periférica. Uma investigação feita sobre jovens da quebrada por jovens da quebrada e que acabou levantando vários questionamentos sobre nossa própria identidade.

Pra contarmos essa história, corremos atrás de dois personagens que fogem do estereótipo que costuma ser a cobertura das quebradas na grande mídia: Denis, um jovem evangélico de Americanópolis, zona Sul, cujo estilo passa longe do clichê do paletó e Bíblia na mão; e a Nairóbi, uma tombadora, falante e estilosa, da Cidade Tiradentes, zona Leste, que ilustra bem essa nova faceta do movimento negro. Um evangélico, clássica figura do cenário periférico; e uma tombadora, nova cara do Brasil. Parecia um equilíbrio massa pra retratar a juventude e seus hábitos de consumo.

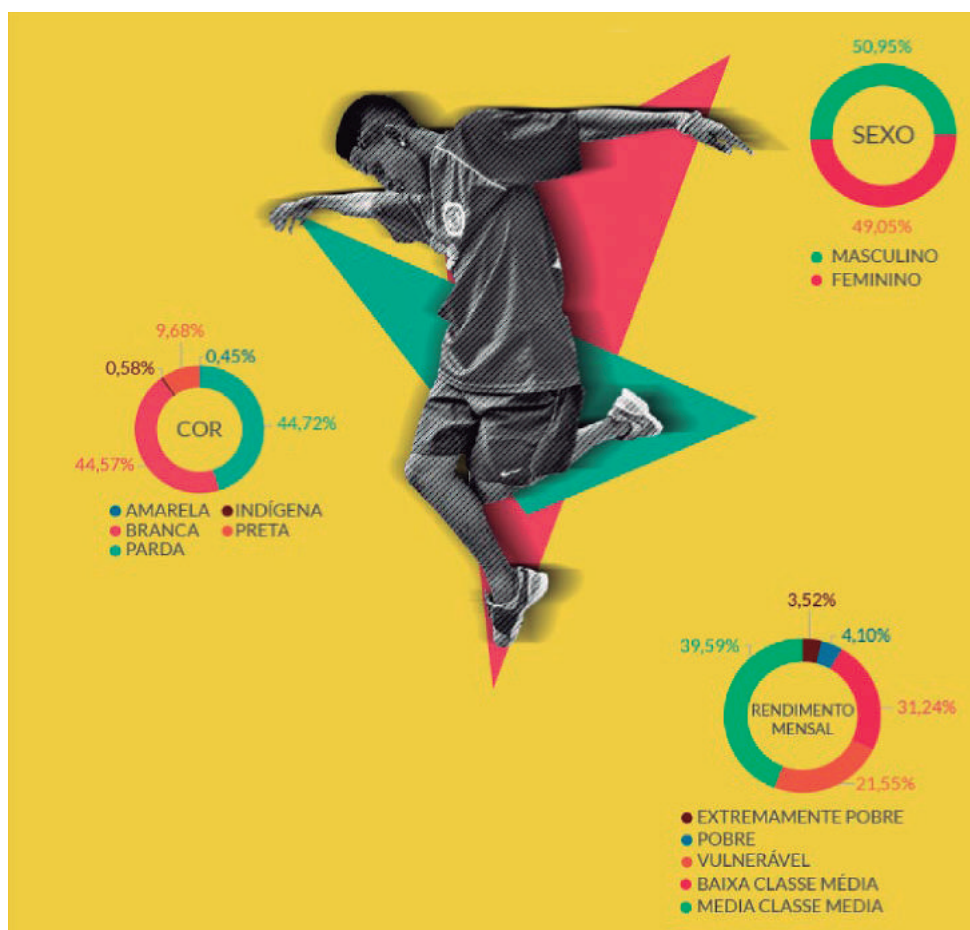
Colamos com os dois nos seus rolês, nas suas compras e nas suas casas. Conhecemos suas famílias, seus passados e fomos pedir ajudar pra duas psicanalistas para descobrir como nossas personalidades são influenciadas pelas marcas, pelas famílias, pelo desejo de consumo e pelo desejo de aceitação. Essas reflexões e descobertas formam essa grande reportagem multimídia com webdocumentário, infográfico interativo, *quiz*, fotos e textos. Pronto pra embarcar na #IdentidadeParcelada? Cola com a gente nesse rolê pelas quebradas de \$P!”.

Disponível em: <<http://escoladejornalismo.org/identidadeparcelada/>>. Acesso em: 17 jun. 2019. (adaptado)

De Passinho em Passinho

Se São Paulo tivesse apenas 100 habitantes, 16 seriam jovens entre 15 e 24 anos. Sete seriam moradores das periferias. Cinco destes seriam pardos e/ou pretos e do sexo masculino. E todos teriam renda familiar até R\$ 2.500,00 mensais – sendo que apenas três receberiam o teto. Não parece lógico que esses sete consumam mais do que os outros nove, que, além de serem maioria, também possuem uma renda familiar dez vezes maior do que a sua:

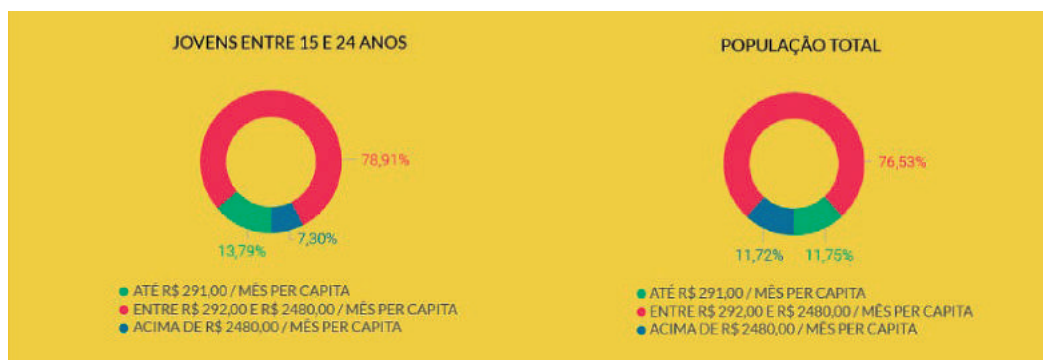
Quem são?



Crédito: still do filme "A Batalha do Passinho", de Emílio Rodrigues (Osmose Filmes)

Fotógrafo: João Xavi.

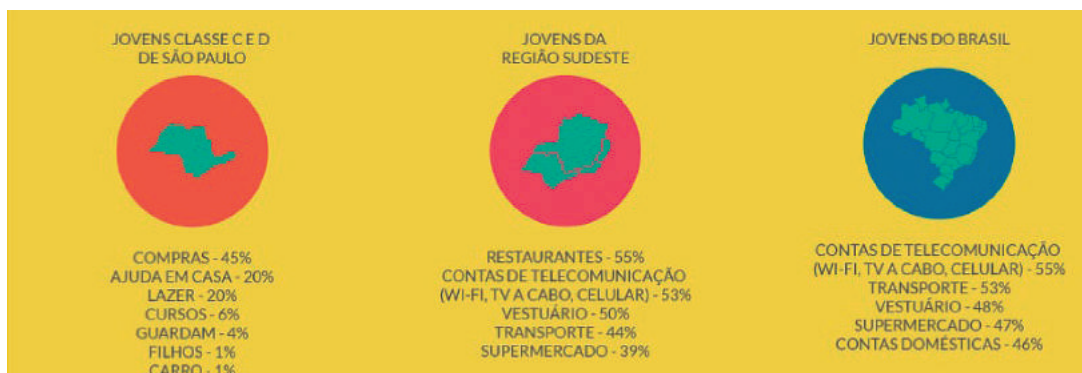
Quanto ganham?



Qual o poder de consumo dos jovens brasileiros?



Com que gastam?



Disponível em: <<http://escoladejornalismo.org/identidadeparcelada/>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

5. Discuta com seus colegas e responda às questões indicadas:

a) Como o consumo é retratado na pesquisa?

Professor, espera-se que os estudantes observem que consumo é retratado como uma prática que influencia a formação e expressão de identidade; como prática influenciada tanto por marcas, famílias, como pelo desejo de aceitação.

b) Como essa visão de consumo se relaciona com o título da reportagem?

Espera-se que os estudantes observem, portanto, que o consumo influencia a formação e expressão de identidades juvenis; ideia que se faz presente no título por associação à prática de parcelamento do valor de uma compra. Portanto, estamos diante de uma identidade que é dividida (parcelada) como a compra de um produto.

c) Em que contexto dizemos “Cola com a gente nesse rolê pelas quebradas”? Essa forma diferencia-se da norma padrão, normalmente empregada no jornalismo? Explique.

d) Por que os jovens empregaram um registro mais informal na reportagem? Destaque outros exemplos de registros informais no texto.

A linguagem informal empregada não faz parte da linguagem normalmente empregada no jornalismo. A expressão “Cola com a gente nesse rolê pelas quebradas” é empregada em contexto mais informal (e entre jovens). Ela aparece no texto de “Identidade Parcelada” como “a voz” do jovem falando para seus pares. Se possível, peça para os estudantes relerem a reportagem destacando outros momentos em que essa relação (do jovem para o jovem) é estabelecida. Por exemplo, no trecho: “Pra contarmos essa história, corremos atrás de dois personagens que fogem do estereótipo que costuma ser a cobertura das quebradas na grande mídia”; em que se observa a forma reduzida de “para”, “prá” (empregada como se dá oralmente), assim como “das quebradas”.

6. Leia o parágrafo que introduz uma das partes da reportagem **Identidade Parcelada**.

a) A qual(ais) “estilo(s)” a reportagem se refere?

Refere-se a “estilos” como “modo de ser” e se apresentar em sociedade e para si mesmo. Portanto, relacionado a forma de se vestir, se produzir.

b) Como o consumo/estilo pode estar relacionado à construção de identidade juvenil?

Resposta pessoal. Professor, abra espaço para os jovens compartilharem suas experiências. Destaque a importância de reconhecerem que hoje vivemos esta cobrança de se sentir parte de um grupo, ser notado e que, em relação ao consumo, existe uma tendência de padronização dos itens que são mais legais, mais exclusivos, mais desejados. Destaque a relevância, nesse contexto, de se ter consciência de um certo “círculo vicioso” e de insatisfação presente no consumo; de sentimentos de frustração e inadequação que podem levar à baixa autoestima. Dessa forma, é importante que discutam sobre a importância de se apropriarem, na prática de consumo em que estão inseridos como jovens, de um sentido (relevância) para suas vidas e que possa responder ao que é realmente importante para cada um; portanto, que possam trabalhar, no contexto de cada um, as representações que ligam consumo e identidade a fim de enfraquecer ou quebrar possíveis círculos viciosos de insatisfação; e estimular, assim, um diálogo aberto sobre autoimagem, valores, etc., considerando a importância da aceitação da diversidade nos locais e contextos dos quais fazemos parte.

OS ESTILOS DA QUEBRADA

“Não espere nada do centro, se a periferia está morta, pois o que era velho no norte, se torna novo no sul” já cantavam Chico Science e Fred 04 nos anos 90. Criada em meio à violência e pobreza, a juventude periférica usa da criatividade pra lançar tendência na moda, na música, nas gírias e nas artes. Muitos dos gêneros mais influentes da cultura pop - como o *punk* e o *rap* - nasceram na quebrada. Aqui mapeamos os estilos mais comuns das periferias de São Paulo. Do *chavoso ao metaleiro*, do *swagger ao good vibes*: todos eles, por mais diferentes que sejam, se encontram em determinados aspectos, sejam visuais, musicais, comportamentais ou históricos, resultando numa grande rede que os une.

Disponível em: <<http://escoladejornalismo.org/identidadeparcelada/>>. Acesso em: 17 jun. 2019. (adaptado)

7. Releia a frase abaixo:

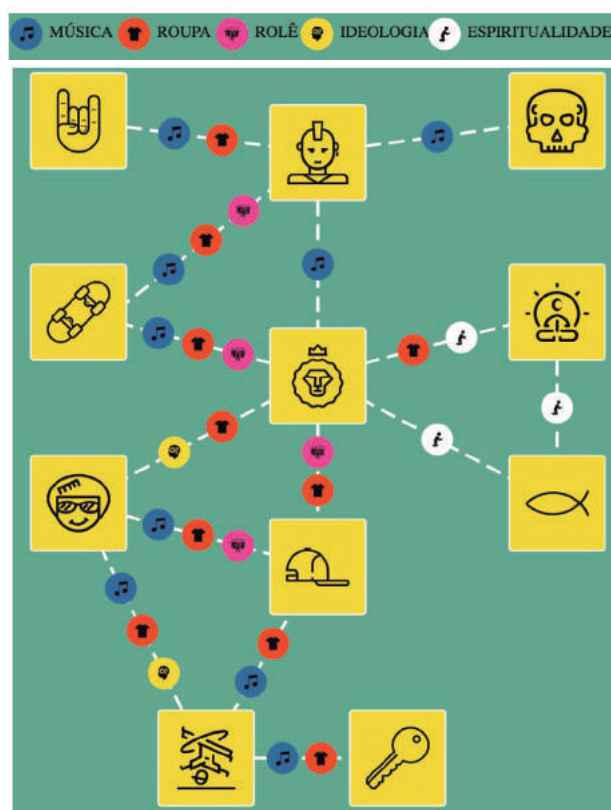
“Não espere nada do centro, se a periferia está morta, pois o que era velho no norte, se torna novo no sul”

De que contexto a frase foi retirada?

Foi retirada da música *Destruindo a Camada de Ozônio* da banda Mundo Livre S/A. Contextualize os

b) Na sua opinião, como a frase anterior pode estar relacionada a afirmação “a juventude periférica usa da criatividade pra lançar tendência”? Ou seja, como as ideias de “norte”, “sul”, “centro”, “periferia” se relacionam à criatividade juvenil?

8. Observe o infográfico que compõe a reportagem *Identidade Parcelada*:



9. Discuta com seus colegas:

Resposta pessoal. Professor, indique aos estudantes que observem os ícones e como cada um dos “estilos” estão representados. Destaque que os “ícones”, em infográficos como o que acabaram de ler, têm a função de estabelecer uma relação rápida (direta) entre uma ideia/conceito e imagem. Dessa forma, o leitor deve reconhecer/ler, quase que imediatamente a ideia representada. Assim, o *designer* (ou ilustrador) do ícone busca reduzir o que se quer destacar a poucas linhas; a sua essência. O “*hip-hop*” ao movimento de dança, “*metalero*” ao gesto típico dos fãs; o “*evangélico*” ao peixe - *Ichthys* ou *Ichthus* (símbolo do cristianismo).

a) Você reconhece os estilos representados? Quais são eles?

b) Como você os definiria?

10. Associe as informações aos respectivos ícones, seguindo o exemplo abaixo:

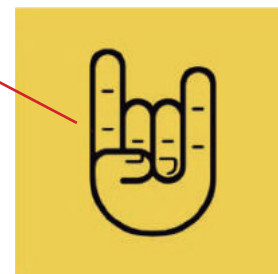
Metaleiro

Surgido a partir do *Rock and Roll* no final da década de 60, o *Heavy Metal* se popularizou através de bandas como *Black Sabbath*, que tinham como principais marcas o som pesado, obscuro e agressivo. Os longos cabelos e roupas e acessórios pretos, predominantes nos adeptos do estilo (chamados de *headbangers*), refletem essas características.



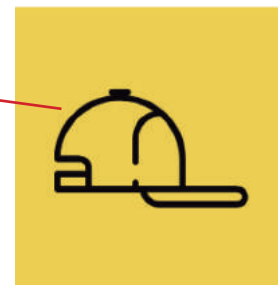
Good-Vibes

Com forte influência de religiões indianas e africanas, os *good vibes* usam roupas leves e coloridas, lembrando a cultura *hippie* dos anos 60, com os toques cultura brasileira e da MPB. A simplicidade está relacionada ao desapego material que as religiões pregam, como meio de elevar a alma. Peças e acessórios feitos por artistas independentes e muitas vezes veganas (sem matéria-prima de origem animal).



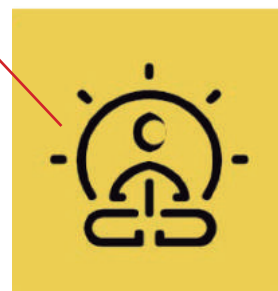
Swag

Swag é um termo em inglês que significa “estiloso, maneiro, legal”. Diretamente influenciado pela cultura *pop/rap* americana, tem atualmente como principais referências os artistas do Costa Gold e o *rapper* Wiz Khalifa. Meninos e meninas geralmente usam as mesmas peças de roupa, que passam por camisetas e regatas grandes e estampadas, bonés de aba reta e a calça saruel, que é a mais característica do estilo.



Hip Hop

Movimento cultural composto por quatro elementos (*DJ*, *MC*, *B-Boy* e *Grafitreiro*). Bem amplo, o visual contempla desde pessoas que não adotam um estilo até mais recentemente os *afrofuturistas*. Independente da vertente, o boné e os *sneakers* são elementos fundamentais. Camisetas com referências à cultura afro e à artistas da cena.



Disponível em: <<http://escoladejornalismo.org/identidadeparcelada/>>. Acesso em: 17 jun. 2019. (adaptado)

11. Releia o trecho abaixo e discuta com seus colegas as questões a seguir.

*Do chavoso ao metaleiro, do swagger ao good vibes: todos eles, por mais diferentes que sejam, se encontram em determinados aspectos, sejam visuais, musicais, comportamentais ou históricos, **resultando numa grande rede que os une.***

a) Como a “rede” que une os diferentes estilos está representada no infográfico anterior? Quais elementos compõem essa rede?

Os estilos estão se conectando no infográfico com as características que mais identificam cada um, criando esta teia que liga música, roupa, espiritualidade e outros aspectos.

b) Na sua opinião, esses estilos são, de fato, “unidos” entre si? Quais seriam os elementos de diálogo e de conflito entre eles?

Resposta pessoal. Professor, conduza as discussões para que os estudantes reconheçam que a diversidade de estilos indica justamente que os jovens buscam, se apropriam e (re)criam estas referências/identidades para participar ativamente da sociedade. Dessa forma, possíveis diálogos acabam por se dar por meio dos participantes e de seus diferentes valores. Nesse contexto, podemos entender e buscar respeitar o espaço, escolhas e valores do outro.

A reportagem Identidade Parcelada foi criada por jovens participantes do ÉNóis.

Leia mais sobre o processo de produção dessa reportagem.

PROCESSO

A gente não sabia, mas a apuração dessa pauta começou lá em março, no primeiro dia de aula, quando nos apresentamos pros colegas e professores. Foi nesse dia em que percebi: todos nós queremos e estamos transformando nossas realidades de alguma forma. Da nossa forma, ao mesmo tempo em que nos transformamos também.

Recebemos uma missão jornalística pros meses seguintes: produzir uma grande reportagem multimídia com o tema JUVENTUDE E CONSUMO. Embora sejamos todos jovens e consumidores, eu sabia que essa seria uma missão complicada. Afinal, o quão abrangente pode ser esse tema pra cada um? Mas se achamos que o único desafio seria encontrar recorte, pensar em pauta, personagem e ir pra rua, nos enganamos. Além de um trampo, descobrimos, através das sensibilizações propostas pelo Vicente, educador e coordenador pedagógico, que precisaríamos ir além de colocar a mão na massa e mostrar resultado: foi preciso se olhar por dentro, se entrevistar, sabe? “Eu, jornalista de mim mesmo...”. E pro Ale, meu colega de turma, isso foi bem importante: “ser jornalista de mim mesmo ajuda bastante a me rever. Na minha quebrada eu me sinto muito sozinho, e quando to na Enois sei que existem outros jovens com o mesmo objetivo que eu: ressignificar o mundo”.

Na aula que eu mais gostei, a de Jornalismo Compassivo, ministrada pelo Guilherme Valadares do site Papo de Homem, fiquei surpresa ao descobrir quão diferentes são as razões pra cada um estar na Escola de Jornalismo: alguns já estão na Universidade, outros estão só pra experimentar e ver o que dá, outros usam como ferramenta política, e assim vai. Uma das coisas que temos em comum,

porém, é a vontade de questionar o mundo. Só que a cada visita dentro de nós, percebemos que NOS questionar é o primeiro passo pra, depois, dominar o mundo! (RÁ). A Beá, uma das colegas que já tá na Universidade, compartilhou: “com a matéria eu fiquei mais fora da minha bolha. Tive contato com ideias conservadoras com as quais me preocupo e me posiciono constantemente contra. Em uma das entrevistas quase não pude participar por ser mulher”.

Buscamos e trouxemos algumas das nossas referências pessoais do que é um bom jornalismo, do que gostamos dentro desse universo que, pra muitos, ainda era novidade e fomos questionados. Pelo Fred, jornalista e coordenador pedagógico do curso, pelo Vicente, por nós mesmos. Afinal, por qual razão escolhemos esse meio, e não aquele, para nos informar? O que nos representa?

Mais do que consumidores de informação, assumimos também a responsabilidade de reportar histórias que nos pareciam interessantes e pensamos outras formas de contá-las. Com cuidado, pra não ofender outras pessoas. Mas de um jeito que a gente se visse ali. Sabemos da importância de nos sentirmos representados, e sentimos a carência de respeito e representatividade por parte de quem nunca nos olhou além de personagens que compõem o mesmo enredo de sempre.

Fomos desafiados a pensar em pautas que tivessem relação com juventude e consumo, e estruturá-las pra apresentar na Vice, em uma reunião de pauta. A primeira. O objetivo era que os jornalistas de lá, que já estão nesse corre há mais tempo, ouvissem as nossas propostas e também nos questionassem sobre as escolhas. Voltamos confusos, mas ao menos compreendendo que o recorte precisava mesmo ser o de jovens das periferias, e que, por não sermos todos iguais, na maioria das vezes é nosso estilo que nos diferencia. Ou, pelo menos, é assim que as pessoas ao redor e nós mesmos nos enxergamos.

Quem é da quebrada ou conhece os termos, sabe que um jovem “chavoso” aparentemente se diferencia de um “swag” pelas marcas que consome, pelas referências musicais, pelo rolê. E isso acontece com todos os outros grupos aos quais cada jovem faz parte. De início, queríamos saber como jovens desses dois grupos viam suas marcas favoritas nas versões originais e falsiês. Como eles se sentiam usando um e outro. Pensamos em apurar os dois processos de produção dos mesmos produtos, e lançar a pergunta: “Existe original?”. Ao mesmo tempo, ainda achamos que outros grupos poderiam contribuir, então passamos a observar melhor os jovens das quebradas onde moramos, e fizemos uma lista de grupos que estão por lá, além do que a gente já tinha. Em uma outra aula, definimos que teríamos dois personagens. Entre as sugestões, surgiram os “tombadores”, movimento de jovens negros que têm como objetivo o empoderamento do povo preto através da estética e jovens evangélicos, afinal, igrejas evangélicas são presença forte nas quebradas. Votamos, e escolhemos que mudaríamos os perfis dos jovens, a pauta e o olhar pra ela. Aparentemente, uma parte da questão estava resolvida: tínhamos dois perfis de jovens periféricos, com identidades visuais diferentes. Mas ainda faltava entender onde o consumo entrava nisso tudo. Foi a partir das reflexões sobre a quantidade de influências que adquirimos ao longo da vida, as transições de grupos e estilos tão comuns na adolescência, questões sociais que envolvem jovens que vivem na periferia, a relação do TER e SER, e a construção diária da nossa identidade enquanto seres que buscam pertencimento, surgiu o que é a nossa pauta final: Como o consumo contribui na construção da identidade do jovem de periferia?

Pensamos formatos e produtos que gostaríamos de entregar a partir do que fosse descoberto, do que

fosse trazido pelos personagens, por uma pesquisa com especialistas, pelos debates que tivemos em aula e a partir do que sabemos e vemos sobre jovens das periferias. Escolhemos, então produzir um mini doc com duração de 8 minutos, um infográfico e um *quiz*.

Disponível em: <<http://escoladejornalismo.org/identidadeparcelada/>>. Acesso em: 17 jun. 2019. (adaptado)

12. Responda às questões abaixo com verdadeiro (V) ou falso (F)

(V) Em “Identidade Parcelada” o consumo é retratado como algo que influencia a formação e expressão de identidade dos jovens. Identidade que é, dessa forma, influenciada por marcas e pelo desejo de aceitação.

(V) A relação existente entre consumo e identidade se faz presente e torna-se clara já no título da reportagem que associa o parcelamento do valor de uma compra com identidade, que dessa forma pode ser também dividida (parcelada) por meio da aquisição de diferentes produtos.

(V) “Identidade Parcelada” apresenta dados interessantes. Os jovens autores da reportagem destacam a complexidade e diversidade do fenômeno do consumo, uma vez que se manifesta de diferentes formas dentro das culturas juvenis – fenômeno, como destacado pelos jovens, que varia dependendo da classe social e da região do país.

(F) “Identidade Parcelada” destaca que as práticas de consumo e consumismo pertencentes às culturas juvenis se tornaram relevantes na formação desses jovens com os desenvolvimentos das tecnologias digitais, que se aproximam de noções de identidades fragmentadas (parceladas); dando aos jovens padrões de felicidade que só levam à frustração.

(V) O “estilo” de “Identidade Parcelada” é marcado, propositalmente, pela voz do jovem, que fala com seus pares. Observam-se momentos em que a relação estabilidade “de jovem para o jovem” é muito clara. Já na apresentação do texto lemos frases escritas em registro informal, incomum ao gênero reportagem em geral, como: “Pra contarmos essa história, corremos atrás de dois personagens que fogem do estereótipo que costuma ser a cobertura das quebradas na grande mídia”. Destaca-se nesse trecho, por exemplo, a forma reduzida de “para”, “prá”, como normalmente se dá oralmente, assim como “das quebradas”.

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES 2

O QUE FAÇO COM ESSA INFORMAÇÃO? JOVENS: VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA

Na **ATIVIDADE 2**, vamos desenvolver uma discussão em torno dos dados apresentados pelo Atlas da Violência 2017, que mapeia os homicídios no Brasil, destacando, fundamentalmente, a relação existente entre o alto número de homicídios e a situação de vulnerabilidade em que se encontram os jovens negros, moradores das periferias brasileiras. Destacamos partes fundamentais dos dados apresentados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) sobre Atlas da Violência 2017. No entanto, caso julgue adequado ao seu contexto escolar, sugerimos, que os estudantes tenham acesso e leiam a pesquisa completa:

Atlas da Violência 2017. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/2/atlas-2017>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

O trabalho aqui articula práticas de leitura de textos dos campos jornalístico/midiático, da vida pública e práticas de leitura.

Volta-se fundamentalmente ao desenvolvimento da leitura de infográficos; articulação entre dados de pesquisa, levantamento de teses e opiniões sobre um determinado fenômeno da realidade importante ao contexto juvenil. Permite também que se desenvolva atividade focada no discurso citado e no reconhecimento de efeitos de sentido decorrentes da exploração de recursos ortográficos e/ou morfo sintáticos.

Portanto, para planejar o trabalho com esta sequência de atividade propomos que organize o trabalho prevendo o uso de aproximadamente 4 aulas.

Como apoio ao seu planejamento, apresentamos a seguir um quadro resumo com as habilidades em foco:

- ✓ Localizar informações explícitas em um texto;
- ✓ Inferir uma informação implícita em um texto;
- ✓ Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, foto etc.);
- ✓ Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros;
- ✓ Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos.

1. Leia a charge publicada no Jornal Independente Ponte, criada pelo jornalista e ilustrador Junião:



Disponível em: <<https://ponte.org/charge-negros-sao-as-maiores-vitimas-da-violencia/>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

a) Que fato a charge de Juninho revela sobre a realidade vivida por jovens brasileiros?

A charge aponta que uma mãe branca e uma mãe negra, colocadas lado a lado, expressam preocupações diferentes em relação à uma mesma situação.

b) Qual(ais) dos dados abaixo corroboram com a situação criticada pela charge:

(☒) Mais de 318 mil jovens foram assassinados no Brasil entre 2005 e 2015

(☐) O crescimento de uso de aplicativos de conversa, em especial do *WhatsApp*, saltou de 86% para 99% de 2013 para 2015 entre jovens.

(☒) A cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras.

(☐) 23% dos usuários de redes sociais (entre 9 e 17 anos) sinalizaram já terem sido ofendidos na *internet*.

c) A quem afeta a realidade criticada na charge?

Fundamentalmente os jovens negros brasileiros.

d) Como Juninho faz para frisar por meio da linguagem visual da charge as diferentes realidades vividas por jovens brasileiros?

O chargista compara as atitudes da mãe negra e da branca e reflete o abismo social que há entre elas. Também é importante observar que a mãe negra reconhece este desajuste.

2. Discuta com seus colegas:

a) Na sua opinião, quais fatores sociais e estruturais presentes na realidade brasileira colocam os jovens negros nessa situação de vulnerabilidade?

Resposta pessoal. Os estudantes podem indicar como fatores: a violência policial, o preconceito e as injustiças que mantém os negros socialmente à margem nas questões de moradia, acesso à educação e saúde.

b) Na sua opinião, o que pode ser feito para mudar essa triste realidade?

Resposta pessoal. Conduza as discussões para que os alunos considerem a garantia de maior representatividade política aos negros. Aponte para o fato de que a luta contra o preconceito é constante, e, apesar da Constituição Brasileira condenar o racismo, é necessário tratá-lo como o problema social que reforça as desigualdades.

3. A seguir você irá ler uma notícia que divulga informações levantadas no Atlas da Violência 2017. Mas antes de se aprofundar nos dados, observe o infográfico abaixo que compõe a notícia.

a) Você já viu infográfico como esses? Onde?

O aluno deve revisitar o próprio repertório. É importante que ele resgate esse conhecimento e perceba que o infográfico é utilizado por meios de comunicação e que explora outros recursos de leitura para a compreensão de dados quantitativos.

b) Na sua opinião, infográficos como esse são produzidos com qual finalidade?

Professor, indique aos estudantes que os infográficos são utilizados como uma maneira de democratizar o conhecimento de dados numéricos, de tornar acessível a leitura e o acesso a dados científicos, garantindo sua compreensão para um público mais amplo e não habituado a acompanhar pesquisas quantitativas.



Disponível em: <http://ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30253>. Acesso em: 17 jun. 2019.

4. Volte ao infográfico e observe:

a. Quais elementos visuais e verbais compõem o infográfico? Você acredita que eles foram usados com qual finalidade?

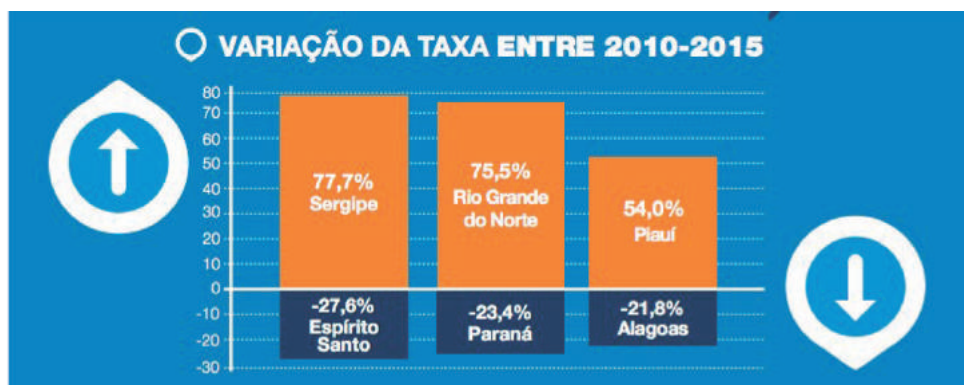
Espera-se que os estudantes identifiquem ícones, gráficos de barra e mapa com legenda de cores. Deve-se observar que esta diagramação não é feita de forma aleatória. As cores e tamanho da tipografia dos dados conduzem a hierarquia da informação, assim como a posição dos textos agrupa e compara informações para garantir o entendimento do contexto da pesquisa.

b) Quais as principais partes (seções) que compõem esse infográfico?

São elas: “maiores taxas”, “concentração territorial”, “juventude perdida” e “seletividade”. Espera-se que os alunos percebam que essas entradas são destacadas com um círculo, peso e cores diferentes.

c) O que as setas brancas ao lado do gráfico nos informam sobre a variação das taxas de homicídios nos Estados indicados?

Indicam que entre 2010 e 2015, as taxas de Sergipe, Rio Grande do Norte e Piauí subiram, enquanto as taxas de Espírito Santo, Paraná e Alagoas caíram. Os ícones agrupam as informações em dois grupos opostos.



Disponível em: <http://ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30253>. Acesso em: 17 jun. 2019.

5. Compare a tabela abaixo com as informações que acabou de observar no infográfico do IPEA.

a. Na sua opinião, em que medida infográficos como esse se assemelham e diferenciam de outras formas de organizar dados para divulgação de resultados de pesquisa?

Os infográficos são mais dinâmicos e abrangem recursos visuais e verbais para reforçar os dados quantitativos. Ao organizar e apresentar os dados para além do registro dos números, ilustram claramente o contexto da informação.

Tabela 1.2 - Taxa de homicídios por Unidade da Federação - Brasil, 2005 a 2015

	Taxa de Homicídios por 100 mil Habitantes											Variação %		
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2005 a 2015	2014 a 2015	2010 a 2015
Brasil	26,1	26,6	25,5	26,7	27,2	27,8	27,4	29,4	28,6	29,8	28,9	10,6%	-3,1%	4,0%
Acre	18,5	23,0	19,5	19,6	22,1	22,5	22,0	27,4	30,1	29,4	27,0	45,9%	-8,0%	20,1%
Alagoas	39,9	53,1	59,5	60,3	59,3	66,9	71,4	64,6	65,1	62,8	52,3	31,2%	-16,6%	-21,8%
Amazônia	33,0	32,8	27,0	34,2	30,3	38,8	30,5	36,2	30,6	34,1	38,2	15,9%	12,1%	-1,6%
Amazonas	18,5	21,1	21,1	24,8	27,0	31,1	36,5	37,4	31,3	32,0	37,4	101,7%	16,8%	20,3%
Bahia	20,9	23,7	26,0	33,2	37,1	41,7	39,4	43,4	37,8	40,0	39,5	89,6%	-1,2%	-5,2%
Ceará	21,0	21,8	23,2	23,9	25,3	31,8	32,7	44,6	50,9	52,3	46,7	122,8%	-10,6%	47,0%
Distrito Federal	28,2	27,7	29,2	31,8	33,8	30,6	34,6	36,0	30,0	29,6	25,5	-9,6%	-13,9%	-16,8%
Espírito Santo	47,0	50,9	53,3	56,4	56,9	51,0	47,1	46,6	42,2	41,4	36,9	-21,5%	-10,9%	-27,6%
Goiás	26,1	26,3	26,0	30,7	32,1	33,0	37,4	45,4	46,2	44,3	45,3	73,6%	2,4%	37,5%
Maranhão	15,3	15,7	18,0	20,3	22,0	23,1	23,9	26,5	31,8	35,9	35,3	130,5%	-1,7%	52,8%
Mato Grosso	32,4	31,4	30,5	31,7	33,3	32,0	32,8	34,5	36,4	42,1	36,8	13,9%	-12,5%	15,0%
Mato Grosso do Sul	27,9	29,7	30,5	29,9	30,7	26,8	27,2	27,3	24,3	26,7	23,9	-14,2%	-10,5%	-10,7%
Minas Gerais	22,0	21,4	20,9	19,6	18,7	18,6	21,6	23,0	22,9	22,8	21,7	-1,1%	-4,7%	16,7%
Pará	27,6	29,2	30,3	39,1	40,2	46,4	40,0	41,4	42,7	42,7	45,0	62,7%	5,3%	-3,2%
Paraíba	20,7	22,8	23,7	27,5	33,5	38,6	42,6	40,0	39,6	39,3	38,3	84,9%	-2,6%	-0,8%
Paraná	29,0	29,8	29,5	32,5	34,6	34,3	32,1	33,0	26,7	26,9	26,3	-9,3%	-2,2%	-23,4%
Pernambuco	51,5	52,6	53,0	50,9	45,0	39,5	39,2	37,3	33,9	36,2	41,2	-20,0%	13,7%	4,3%
Piauí	12,2	13,8	12,5	11,6	12,2	13,2	14,0	16,6	18,8	22,4	20,3	65,8%	-9,6%	54,0%
Rio de Janeiro	48,2	47,5	41,6	35,7	33,5	35,4	29,7	29,4	31,2	34,7	30,6	-36,4%	-11,9%	-13,6%
Rio Grande do Norte	13,5	14,9	19,1	23,0	25,5	25,6	33,0	34,8	42,9	47,0	44,9	232,0%	4,5%	75,5%
Rio Grande do Sul	18,6	18,1	19,8	21,9	20,5	19,5	19,4	22,1	20,8	24,3	26,2	40,5%	7,7%	34,2%
Roraima	36,2	37,4	27,2	32,1	35,8	34,9	28,5	33,1	27,9	33,1	33,9	-6,2%	2,7%	-2,9%
Santa Catarina	24,3	27,5	27,9	25,4	28,0	26,9	20,6	30,7	43,8	31,8	40,1	65,4%	26,3%	49,5%
São Paulo	10,8	11,2	10,4	13,3	13,4	13,2	12,8	12,9	11,9	13,5	14,0	30,1%	4,3%	6,5%
Sergipe	21,9	20,4	15,4	15,4	15,8	14,6	14,0	15,7	13,8	14,0	12,2	-44,3%	-13,0%	-16,5%
Tocantins	24,7	29,2	25,7	27,8	32,3	32,7	35,0	41,6	44,0	49,4	58,1	134,7%	17,5%	77,7%
	14,6	17,2	16,6	18,5	22,4	23,6	25,8	26,7	23,6	25,5	33,2	128,1%	30,4%	40,5%

Fonte: MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM. O número de homicídios na UF de residência foi obtido pela soma das seguintes CIDs: 10: X85-Y09 e Y35-Y36, ou seja: óbitos causados por agressão mais intervenção legal. Elaboração Diest/Ipea.

Disponível em: <http://ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2019.

Agora, você irá ler a notícia publicada no dia 05 de junho de 2017 pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) que divulga informações levantadas no Atlas da Violência 2017. Observe o título e a linha fina da notícia abaixo:

Atlas da Violência 2017 mapeia os homicídios no Brasil

Estudo realizado pelo Ipea e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública mostra que jovens e negros são as principais vítimas de violência no país.

Disponível em: <http://ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30253>. Acesso em: 17 jun. 2019.

6. Discuta as questões abaixo com seus colegas:

a. Qual a função da linha fina na notícia? Que informações ela traz ao leitor da notícia sobre o Atlas da Violência?

A linha fina destacou jovens e negros como principais vítimas, esta informação “adianta” ao leitor o que “dirão” os dados apresentados na notícia. Além de complementar o título, a linha fina ressalta a importância do dado.

7. Leia a notícia **Atlas da Violência 2017 mapeia os homicídios no Brasil**.

Durante sua leitura, grife informações que possam ajudar na clarificação do cenário de violência vivido por jovens brasileiros. Ou seja, grife dados que esclareçam as questões:

a) Qual é número total de homicídios registrados em 2015 e 2005?

59.080 e 48.136.

b) Qual foi a evolução registrada no patamar de homicídios no período pesquisado (de 2005 a 2015)?

Os estados que apresentaram crescimento superior a 100% nas taxas de homicídio no período analisado estão localizados nas regiões Norte e Nordeste. O destaque é o Rio Grande do Norte, com um crescimento de 232%. Em 2005, a taxa de homicídios no estado era de 13,5 para cada 100 mil habitantes. Em 2015, esse número passou para 44,9. Em seguida estão Sergipe (134,7%) e Maranhão (130,5). Pernambuco e Espírito Santo, por sua vez, reduziram a taxa de homicídios em 20% e 21,5%, respectivamente. Porém, as reduções mais significativas ficaram em estados do Sudeste: em São Paulo, a taxa caiu 44,3% (de 21,9 para 12,2), e, no Rio de Janeiro, 36,4% (de 48,2 para 30,6).

c) Qual é total de número de jovens assassinados em comparação aos números de homicídios registrados?

31.264.

d) Dentro do quadro pesquisado, qual é total de jovens negros assassinados?

22.197.

Atlas da Violência 2017 mapeia os homicídios no Brasil

Estudo realizado pelo Ipea e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública mostra que jovens e negros são as principais vítimas de violência no país

O Brasil registrou, em 2015, 59.080 homicídios. Isso significa 28,9 mortes a cada 100 mil habitantes. Os números representam uma mudança de patamar nesse indicador em relação a 2005, quando ocorreram 48.136 homicídios. As informações estão no Atlas da Violência 2017, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). O estudo analisa os números e as taxas de homicídio no país entre 2005 e 2015 e detalha os dados por regiões, Unidades da Federação e municípios com mais de 100 mil habitantes. Apenas 2% dos municípios brasileiros (111) respondiam, em 2015, por metade dos casos de homicídio no país, e 10% dos municípios (557) concentraram 76,5% do total de mortes.

Os estados que apresentaram crescimento superior a 100% nas taxas de homicídio no período analisado estão localizados nas regiões Norte e Nordeste. O destaque é o Rio Grande do Norte, com um crescimento de 232%. Em 2005, a taxa de homicídios no estado era de 13,5 para cada 100 mil habitantes. Em 2015, esse número passou para 44,9. Em seguida estão Sergipe (134,7%) e Maranhão (130,5). Pernambuco e Espírito Santo, por sua vez, reduziram a taxa de homicídios em 20% e 21,5%, respectivamente. Porém, as reduções mais significativas ficaram em estados do Sudeste: em São Paulo, a taxa caiu 44,3% (de 21,9 para 12,2), e, no Rio de Janeiro, 36,4% (de 48,2 para 30,6).

Houve um aumento no número de Unidades da Federação que diminuíram a taxa de homicídios depois de 2010. Especificamente nesse período, as maiores quedas ocorreram no Espírito Santo (27,6%), Paraná (23,4%) e Alagoas (21,8%). No sentido contrário, houve crescimento intenso das taxas entre 2010 e 2015 nos estados de Sergipe (77,7%), Rio Grande do Norte (75,5%), Piauí (54,0%) e Maranhão (52,8%). A pesquisa também aponta uma difusão dos homicídios para municípios do interior do país.

[...]

Perfil das vítimas

Mais de 318 mil jovens foram assassinados no Brasil entre 2005 e 2015. Apenas em 2015, foram 31.264 homicídios de pessoas com idade entre 15 e 29 anos, uma redução de 3,3% na taxa em relação a 2014. No que diz respeito às Unidades da Federação, é possível notar uma grande disparidade: enquanto em São Paulo houve uma redução de 49,4%, nesses onze anos, no Rio Grande do Norte o aumento da taxa de homicídios de jovens foi de 292,3%.

Os homens jovens continuam sendo as principais vítimas: mais de 92% dos homicídios acometem essa parcela da população. Em Alagoas e Sergipe a taxa de homicídios de homens jovens atingiu, respectivamente, 233 e 230,4 mortes por 100 mil homens jovens em 2015.

A cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras. De acordo com informações do Atlas, os negros possuem chances 23,5% maiores de serem assassinados em relação a brasileiros de outras raças, já descontado o efeito da idade, escolaridade, do sexo, estado civil e bairro de residência.

Os dados sobre mortes decorrentes de intervenção policial apresentam duas variações: as analisadas por números do SIM na categoria “intervenção legais e operações de guerra” (942) e os números reunidos pelo FBSP (3.320) em todo o país. Os estados que mais registraram homicídios desse tipo pelo SIM em

2015 foram Rio de Janeiro (281), São Paulo (277) e Bahia (225). Pelos dados do FBSP, foram registrados em São Paulo 848 mortes decorrentes de intervenção policial, 645 no Rio de Janeiro 645 e 299 na Bahia.

Disponível em: <http://ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30253>. Acesso em: 17 jun. 2019.

9. Por que é possível afirmar que os jovens negros são as principais vítimas de homicídios no Brasil? Destaque alguns dados para justificar sua resposta.

É possível afirmar, considerando que a cada 100 jovens vítimas deste tipo de crime, 71 são negros.

10. As regiões brasileiras apresentam números iguais de homicídios? O que é possível destacar de mais relevante sobre violência, diferentes situações socioeconômicas e as regiões do Brasil?

Os números são bem diferentes. As regiões mais pobres (Norte e Nordeste) possuem as maiores taxas, podemos traçar um paralelo entre a violência e a pobreza.

SEQUÊNCIA ATIVIDADES 3

O QUE FAÇO COM ESSA INFORMAÇÃO? DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS E JUVENTUDE

Na **ATIVIDADE 3**, vamos continuar o trabalho em torno dos dados apresentados pelo Atlas da Violência 2017, que mapeia os homicídios no Brasil, destacando fundamentalmente, a relação existente entre o alto número de homicídios e a situação de vulnerabilidade dos jovens negros, moradores das periferias brasileiras. Articulam-se os dados estudados anteriormente com a **Declaração dos Direitos Humanos**, investigando e discutindo a afirmação de que “*Negros brasileiros não têm por que comemorar Declaração dos Direitos Humanos*”. Dessa forma, destacamos partes fundamentais do texto publicado por Maiana Diniz Repórter da Agência Brasil Brasília. No entanto, caso julgue adequado ao seu contexto escolar, sugerimos, que os estudantes possam ampliar as discussões sobre Direitos Humanos acessando/lendo os materiais abaixo:

Artigos que compõem a Declaração Universal dos Direitos Humanos: Disponível em: <<https://goo.gl/YDLc-Tk>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

O que são os Direitos Humanos? Disponível em: <<https://goo.gl/u3hwxn>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

O trabalho aqui articula práticas de leitura de textos dos campos jornalístico/midiático, da vida pública e práticas de leitura.

Volta-se fundamentalmente ao desenvolvimento da leitura de infográficos; articulação entre dados de pesquisa, levantamento de teses e opiniões sobre um determinado fenômeno da realidade importante ao contexto juvenil.

Para planejar o trabalho com esta **sequência de atividade**, propomos que organize o trabalho preven- do o uso de aproximadamente **4 aulas**.

Como apoio ao seu planejamento, apresentamos a seguir um quadro resumo com as habilidades em foco:

- ✓ Localizar informações explícitas em um texto;
- ✓ Inferir uma informação implícita em um texto;
- ✓ Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou mor- fossintáticos;
- ✓ Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros.

1. Diante dos fatos apresentados pelo Atlas da Violência 2017, a Agência Brasil ouviu diferentes espe- cialistas como o sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz, que afirma:

Negros brasileiros não têm por que comemorar Declaração dos Direitos Humanos

Publicado em 10/12/2017 - 17:53

Por Maiana Diniz – Repórter da Agência Brasil Brasília

Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-12/negros-brasileiros-nao-tem-por-que-comemorar-declara-cao-dos>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

a) Você concorda com essa afirmação? Por quê?

Resposta pessoal. O estudante deve analisar a frase e levantar hipóteses sobre o contexto que o texto apresentará.

b) Na sua opinião, quais argumentos poderão ser levantados para sustentar a afirmação de que os “negros brasileiros não têm por que comemorar Declaração dos Direitos Humanos”?

Resposta pessoal. Os estudantes podem apontar para a possibilidade de que a declaração não considere a marginalização do negro e não abrange direitos específicos, logo, reforçaria desigualdades. Também podem considerar que a luta contra a injustiça racial é permanente e que os dados sobre a violência infligida sobre esta população justificam que os negros estão sendo deixados de lado dos direitos básicos que fazem parte da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Nesse momento, as discussões podem ser ampliadas, caso julgue adequado, sugira que os alunos acessem os materiais abaixo:

Artigos que compõem a Declaração Universal dos Direitos Humanos: Disponível em: <<https://goo.gl/YDLcTk>>.

Acesso em: 27 jun. 2019.

O que são os Direitos Humanos? Disponível em: <<https://goo.gl/u3hwxn>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

2. Leia a notícia escrita pela repórter Maiana Diniz. Durante sua leitura, grife

- Com **uma linha** dados e fatos que sustentam a afirmação de que, no Brasil, a população negra vem tendo seus direitos humanos desrespeitados.
- Com **duas linhas** argumentos levantados que apontam para as possíveis causas desse desrespeito à vida da população negra brasileira.

Negros brasileiros não têm por que comemorar Declaração dos Direitos Humanos

Publicado em 10/12/2017 - 17:53

Por Maiana Diniz – Repórter da Agência Brasil Brasília

Os dados oficiais sobre a população negra no Brasil indicam que esta é a parcela mais afetada pelos altos índices de violência da sociedade e a mais sujeita à violação de direitos. Os negros são maioria nos presídios e entre as vítimas de homicídios, ao mesmo tempo em que têm menos acesso à saúde e à educação e compõem o segmento mais pobre da população.

Nestes e em outros aspectos, tal realidade viola o primeiro artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada pela Organização das Nações Unidas (ONU) e que completa 69 anos neste domingo: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos”.

O Artigo 3 da declaração, segundo o qual “todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal”, também está longe de ser cumprido no Brasil.

Os negros (pretos e pardos) são a maioria da população brasileira, representando 53,6% da população em 2014, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Também são a maioria entre

os mais pobres. Entre os brasileiros que compõem o grupo dos 10% mais pobres, com renda média de R\$ 130,00 por pessoa na família, 76% eram negros em 2015. Ou seja, três em cada quatro pessoas que estão entre os 10% mais pobres do país são negras.

Exclusão e violência

O *Atlas da Violência 2017*, lançado em junho pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, revela que, atualmente, de cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras. Homens, jovens, negros e de baixa escolaridade são as principais vítimas de mortes violentas no país.

A diretora executiva da Anistia Internacional no Brasil, Jurema Werneck, diz que o racismo é um determinante forte para essa realidade, embora não seja o único. “Os brancos têm vivido privilégios, e alguns deles vivem os privilégios como se fossem talentos. Ou seja, fingem que não foi o racismo que os levou aonde estão. Não se trata de apatia. Trata-se de proteção ativa de privilégios. É uma ação cotidiana de racismo, é uma situação ativa.”

Jurema destaca que existem vozes discordantes entre os brancos, pessoas que querem combater o racismo, mas há outra parte, “espalhada no controle das ações e das políticas, que age ativamente para manter seus privilégios”.

Para a diretora da Área Programática da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) no Brasil, Marlova Noletto, no entanto, o saldo dos 69 anos da Declaração Universal de Direitos Humanos é positivo.

“Representa um avanço de patamares civilizatórios para toda a humanidade. Não podemos esquecer que a declaração aconteceu em 48 [1948], em um contexto de pós-guerra, logo após a fundação das Nações Unidas, e trouxe para o mundo uma percepção, a ser compartilhada universalmente, de que existem direitos humanos e universais. É importante destacar também a indivisibilidade dos direitos humanos. Não é possível fatar e cumprir um e não cumprir outro”, afirma Marlova.

Segregação

O sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz, especialista em segurança pública e autor do *Mapa da Violência*, aponta a existência de um *apartheid* [segregação] de negros, que é visível no Brasil. Segundo Waiselfisz, em qualquer cidade brasileira, há uma espécie de segregação espacial, em que é branca a maioria dos moradores dos bairros que têm segurança pública e maior número de benefícios sociais. Os bairros das periferias urbanas, onde fica a população negra, não tem nenhum tipo de benefício social.

“Se houvesse justiça social, os benefícios se espalhariam por toda a cidade. A segregação espacial que está em todas as cidades brasileiras, a favela como *habitat* de negros e bairros nobres como *habitat* de brancos, e toda essa segregação origina as desigualdades que se refletem socialmente. Negros não podem morar em bairros nobres, não porque seja ilegal, como já foi um dia: a segregação é social e econômica. Negros são malvistas, há uma segregação cultural, social e econômica, que origina o surgimento dos guetos e favelas.”, enfatiza.

Waiselfisz e outros especialistas ouvidos pela **Agência Brasil** avaliam que, para além das desigualdades e da exclusão social, há mecanismos que perpetuam o domínio econômico, social e político da população branca e impedem que o racismo seja superado no país e a população negra tenha seus di-

reitos básicos garantidos. Por isso, eles afirmam que, neste domingo (10) em que a Declaração Universal dos Direitos Humanos completa 69 anos, os negros brasileiros não têm motivos para comemorar.

Marlova Noleto destaca ainda a importância de ações afirmativas para garantir que as populações mais vulneráveis também tenham seus direitos garantidos. “Existe uma preocupação sobretudo com as minorias, grupos mais vulneráveis à discriminação e à violação dos direitos humanos, como as populações negras, LGBT [lésbicas, *gays*, *bissexuais*, *travestis*, *transexuais* e *transgêneros*] e indígenas, entre outras. Precisamos de ações afirmativas e políticas específicas que contemplem os direitos desses grupos mais vulneráveis.”

A comunidade internacional também reconhece que os povos afrodescendentes representam um grupo distinto, cujos direitos humanos precisam ser promovidos e protegidos, pois têm menos acesso aos direitos básicos que a população, em geral. A Assembleia Geral da ONU proclamou o período entre 2015 e 2024 como a Década Internacional de Afrodescendentes, com o objetivo de enfrentar a situação.

O sociólogo Ignacio Cano, fundador do Laboratório de Análise da Violência da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), ressalta que a desigualdade social e econômica também se revela na maior suscetibilidade dos negros de serem vítimas de violência. “A taxa de homicídios contra a população jovem negra é aproximadamente de duas a três vezes superior à taxa de homicídios dos brancos – enquanto nos últimos anos houve uma redução de assassinatos de brancos, a taxa dos negros subiu” acrescenta Cano.

Para o sociólogo, o quadro é dramático e se deve a vários elementos. “O primeiro elemento é a forte correlação entre raça e classe social no Brasil, de forma que a população negra viva em condições mais desfavoráveis, que explicam as maiores taxas de violência letal. Em áreas pobres, as taxas de violência são muito maiores que nas áreas ricas. Há também evidências de que, além da questão de classe, há um viés racial. Estudos sobre a aplicação da força policial, por exemplo, mostram que, quando a polícia enfrenta pretos e pardos, a chance de que eles sobrevivam é menor.”

Ignacio Cano diz que o Brasil não está se atentando para a gravidade do problema da violência. “Devíamos fazer um esforço nacional, como foi feito em relação à inflação, por exemplo. Parecia que a inflação era endêmica, que o Brasil sempre viveria com hiperinflação, e não era assim, era possível acabar com isso. Da mesma forma, é possível reduzir a violência a níveis razoáveis.”

Segundo o sociólogo, esses níveis de violência, especialmente contra certas populações, não podem ser aceitos como naturais. “Isso não está acontecendo, sobretudo, porque as vítimas são periféricas, têm baixa visibilidade e, por isso, não geram resposta de políticas públicas. A vida delas não vale como a das pessoas de classe alta. Isso se reflete em tudo. Os crimes que afetam as camadas mais pobres não geram a mesma comoção.”

Encarceramento em massa

Dados do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen), divulgados na última sexta-feira (8) pelo Departamento Penitenciário Nacional, do Ministério da Justiça, mostram que havia 726.712 pessoas encarceradas no Brasil em junho do ano passado. Mais da metade dessa população é de jovens de 18 a 29 anos e 64% são negros. A situação é ainda mais grave no Acre, onde 95% dos presos são negros. No Amapá, são 91% e, na Bahia, 89%.

Dados do **Fórum Brasileiro de Segurança Pública** revelam que, de 2015 a 2016, 76% dos mortos em

intervenções policiais eram homens negros. A pesquisadora Thandara Santos, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, observa que, no Brasil, a política de segurança pública é seletiva em termos de raça. “Temos um perfil de abordagem policial que foi consolidado na instituição ao longo dos anos, o perfil de quem deve ser abordado. Esse perfil foi construído pelo senso comum, pela mídia, por toda nossa história de racismo institucionalizado, e isso acaba chegando ao sistema prisional e no judiciário”, diz Thandara, que é também consultora do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud). Para ela, o judiciário reproduz as prisões em flagrante, especialmente em crimes contra o patrimônio, e não busca alternativas a prisão.

Os crimes relacionados ao tráfico de drogas são os que mais levam pessoas à prisão, respondendo por 28% da população carcerária. “Estudos mostram que a história da guerra às drogas no país está muito atrelada a guerra à pobreza. Você acaba seletivamente criando a imagem do criminoso como esse pequeno traficante que está nas comunidades e que acaba sendo foco principal do sistema de segurança pública e de justiça criminal”, afirma a pesquisadora.

De acordo com Thandara, essa preponderância do crime ligado à droga nos presídios tem a ver com o fato de que as prisões são vistas como uma meta de produtividade do trabalho policial. “O crime de tráfico é mais fácil de ser concluído com prisão do que o crime contra a vida. Um homicídio demanda investigação, um esforço de esclarecimento maior. E temos uma baixíssima taxa de esclarecimento desse tipo de crime. No caso do tráfico de drogas, não. Você tem a palavra do policial usada como testemunha principal, na maior parte dos casos, e uma condenação imediata no sistema de justiça, em que é mais fácil concluir um inquérito sobre tráfico do que o que trata de um crime contra a vida”, explica.

Thandara considera excessivos os números do encarceramento no país e diz que o sistema prisional, como vem sendo operado hoje, é ineficiente em todos os sentidos: da gestão, da resposta à população e sobretudo da garantia de direitos. “Nunca se prendeu tanto no Brasil, mas também nunca se matou tanto. Temos uma população prisional enorme e registramos 60 mil homicídios no último ano. O avanço do encarceramento não consegue ser uma resposta ao avanço da criminalidade. Então, claramente, percebemos uma conta que não fecha. De um lado, temos uma segurança pública com dificuldade de fazer frente à demanda por segurança, tem o sistema superlotado que reproduz situações de desigualdade e violações de direito, um sistema também muito caro. Por outro lado, temos uma população que continua se sentindo insegura e demandando mais segurança.”

Além disso, ressalta a pesquisadora, o perfil de quem está preso favorece uma permissividade do senso comum em relação às violações. “O nosso modelo é baseado na ideia da vingança. Querem mandar para o sistema prisional para que elas não apareçam mais. Muito dessa lógica tem a ver, sim, com quem é que está preso, nessa ideia de vingança coletiva.”

Há consenso entre os especialistas ouvidos pela **Agência Brasil** de que a política sobre o uso de drogas do Brasil, de 2006, respondeu pelo aumento da população carcerária no país e afeta mais os negros. A revisão da política de drogas é um dos caminhos, como fizeram outros países, para reduzir o encarceramento. Os Estados Unidos começam a discutir sua política de drogas e já apresentam redução dos números do encarceramento, afirmam os especialistas.

Ignácio Cano enfatiza a discriminação ao explicar como a guerra às drogas atinge mais diretamente a população negra. “Por um lado, a questão da violência, tem discriminações de vários tipos, sobretudo

a econômica. No Brasil não existe uma classe média negra forte. Então, se você é negro e pobre, mora na periferia, tem baixa escolaridade, veste-se de determinada forma, tem todos os fatores de risco em si – a chance de sofrer violência ou de ser parado pela polícia é muito maior.”

O sociólogo destaca ainda o fato de que o combate às drogas pelo Estado se faz com foco nas áreas periféricas, principalmente em favelas e invasões. “O combate ao grande tráfico é muito menos aparente e muito menos contundente. Nós nos acostumamos com a ideia de que o combate às drogas acontece nas periferias, onde moram os pobres. Então, todos os fatores de risco acabam coincidindo e resultando em maiores taxas de encarceramento.”

Enfrentamento

Julio Waiselfisz defende um processo de reformulação das políticas sociais do país para equalizar oportunidades entre os brasileiros. “Enquanto isso não existir, vai continuar a segregação, porque faz parte da cultura e da economia brasileiras, historicamente. Há um longo processo pela frente para reverter essas barreiras sociais do Brasil. Isso não vai mudar do dia para a noite”, afirma o sociólogo. Ele ressalta que o Estado tende a reagir a conflitos sociais, mas diz que hoje a pressão social para combater a desigualdade racial e social no Brasil está fraca. “Parece que os movimentos ainda não são tão efetivos e eficientes, parece que há uma acomodação histórica no Brasil em relação à realidade vigente, como se fosse a única realidade possível.”

A pressão social por mudanças já foi maior. “Nos últimos dois, três anos, estamos num processo de refluxo dos movimentos sociais, que eram mais poderosos e incisivos fortes há cinco anos. No momento, por diversos motivos, entre econômicos e políticos, há um certo refluxo da pressão social por igualdade”, acrescenta.

Na opinião de Waiselfisz, enquanto tais conflitos não aflorarem de forma contundente na sociedade, não criarem um movimento que a sociedade viva e sinta, o Estado vai continuar acomodado à realidade do poder. “Quem está no poder são as classes abastadas, brancas e, para eles, interessa que a situação permaneça como está.”

Jurema Werneck discorda e lembra que, ao longo dos anos a população negra fez a principal parte, não só ajudando a população brasileira a compreender o problema do racismo, mas também ajudando o Estado a construir as políticas necessárias para superar o racismo no país. “Vários estudos e propostas foram feitos pelo movimento negro e entregues ao Estado brasileiro, que incorporou algumas ideias, mas não como deveria.”

Para Jurema, o que acontece no momento no Brasil é a ruptura e o não cumprimento, pelo Estado, dos acordos que a sociedade produziu. “O Estado brasileiro não as assumiu como deveria. Pelo contrário, ao não assumir, o Estado brasileiro deixa o racismo agir livremente, e aí vemos o resultado. Ou seja, várias estatísticas mostram que não apenas as políticas não se desenvolveram como deveriam, mas houve um retrocesso no sentido de abrir caminho para a piora da situação. Alguns indicadores, como os de homicídios, mostram a piora do quadro tanto para negros quanto para negras.”

O Ministério dos Direitos Humanos foi procurado para se posicionar sobre o quadro de violação de direitos humanos da população negra do Brasil, mas, até o fechamento desta reportagem, não havia respondido à demanda.

Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-12/negros-brasileiros-nao-tem-por-que-comemorar-declaracao-dos>> Acesso em: 17 jun. 2019.

a) Segundo a matéria da Agência Brasil que acabou de ler, quais artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos a realidade brasileira vem desrespeitando? Por quê?

Resposta: O **artigo 1**: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos” e o **Artigo 3**, segundo o qual “todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal”. Porque os índices de violência mostram que brancos e negros não são considerados como iguais e que não usufruem dos mesmos direitos.

b) Segundo os pesquisadores entrevistados, quais seriam as causas da violência vivida pela população negra brasileira?

Resposta: A violência policial, os privilégios dos brancos e a segregação espacial e social.

c) Na sua opinião, o que é possível fazer para mudar essa realidade? E você, jovem brasileiro, tem voz nessa discussão?

Resposta pessoal: Deve ser discutida uma mudança educacional, já que o jovem negro é criminalizado muito cedo, estigmatizado. O texto também aponta para a falta de representações políticas, além da necessidade de atender a população negra nas suas reivindicações como forma de promover justiça social.

7. Releia a frase abaixo:

Frase I

De acordo com Thandara, essa preponderância do crime ligado à droga nos presídios tem a ver com o fato de que as prisões são vistas como uma meta de produtividade do trabalho policial.

a) Que outras frases ou palavras poderiam ser usadas para substituir “De acordo” no contexto da Frase I?

Resposta possível: Segundo Thandara..., Para Thandara...

b) Na sua opinião, qual seria a função da expressão em negrito (**De acordo**) dentro da Frase I?

A frase apresenta/anuncia/(re)enquadra uma frase dita por um outro, diferente do autor do texto que se lê.

8. Abaixo temos outro trecho (Frase II) que apresenta fala dita por Thandara:

Frase II

“O crime de tráfico é mais fácil de ser concluído com prisão do que o crime contra a vida. Um homicídio demanda investigação, um esforço de esclarecimento maior. E temos uma baixíssima taxa de esclarecimento desse tipo de crime. No caso do tráfico de drogas, não. Você tem a palavra do policial usada como testemunha principal, na maior parte dos casos, e uma condenação imediata no sistema de justiça, em que é mais fácil concluir um inquérito sobre tráfico do que o que trata de um crime contra a vida”, explica.

a) Com relação a forma de apresentar e introduzir argumento de um outro autor no texto, em que as frases I e II se diferenciam e/ou se assemelham?

As duas frases trazem citação de um segundo autor para o texto. A primeira utilizou a expressão “de acordo” para incluir a palavra “alheia” de maneira indireta. Ou seja, apresenta-se “com suas próprias palavras” (indiretamente) o que foi dito por outro autor. A segunda, distingue-se o discurso alheio, introduzindo-o ao texto (diretamente) da forma que enunciado originalmente entre aspas.

b) Abaixo reescreva exemplos que possam se enquadrar nos modelos de Frase I e II

Frase I	Frase II
“Essa preponderância do crime ligado à droga nos presídios tem a ver com o fato de que as prisões são vistas como uma meta de produtividade do trabalho policial”, aponta Thandara.	Thandara explica que o crime de tráfico é mais fácil de ser concluído com prisão do que o crime contra a vida. Um homicídio demanda investigação, um esforço de esclarecimento maior. E temos uma baixíssima taxa de esclarecimento desse tipo de crime. No caso do tráfico de drogas, não. Você tem a palavra do policial usada como testemunha principal, na maior parte dos casos, e uma condenação imediata no sistema de justiça, em que é mais fácil concluir um inquérito sobre tráfico do que o que trata de um crime contra a vida.

9. Reveja a frase dita por Thandara destacada abaixo:

“O crime de tráfico é mais fácil de ser concluído com prisão do que o crime contra a vida. Um homicídio demanda investigação, um esforço de esclarecimento maior. E temos uma **baixíssima** taxa de esclarecimento desse tipo de crime.

10. Compare as alternativas abaixo:

I. Temos uma **baixa** taxa de esclarecimento desse tipo de crime.

II. Temos uma **baixíssima** taxa de esclarecimento desse tipo de crime.

a) Qual o efeito pretendido com o uso da forma escolhida para qualificar “a taxa de esclarecimento desse tipo de crime” na frase originalmente dita por Thandara?

A autora usa o diminutivo “baixíssima” para ressaltar como o esclarecimento de homicídios não recebe a devida atenção em comparação aos crimes de tráfico.

b) Transforme a frase abaixo seguindo o mesmo princípio de construção da alternativa I: altere a expressão em negrito e reflita sobre o resultado obtido:

“Os dados oficiais sobre a população negra no Brasil indicam que esta é a parcela mais afetada pelos **altos** índices de violência da sociedade e a mais sujeita à violação de direitos”.

Resposta possível: “Os dados oficiais sobre a população negra no Brasil indicam que esta é a parcela mais afetada pelos altíssimos índices de violência da sociedade e a mais sujeita à violação de direitos”. Neste caso, o uso do aumentativo implica ênfase e destaca atenção para o parâmetro destes índices.

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES 4

LEVANTANDO ARGUMENTOS

Na **ATIVIDADE 4**, vamos continuar o trabalho em torno dos dados apresentados pelo **Atlas da Violência 2017**, que mapeia os homicídios no Brasil. Destacamos o trabalho com artigo de opinião - Quanto vale um jovem? de Jonathan Moreira, da Agência Jovem de Notícias São Paulo - Revista digital Viração. Disponível em: <<https://viracao.org/>>. Acesso em: 27 jun. 2019. No entanto, caso julgue adequado ao seu contexto, você também pode ampliar os trabalhos, indicando a leitura de outro artigo publicado na revista Viração sobre tema de relevância ao contexto juvenil - **A criminalização da juventude negra**:

Disponível em: <<https://viracao.org/blog/a-criminalizacao-da-juventude-negra-e-a-construcao-do-sujeito-perigoso/>>. Acesso em: 27 jun. 2019.).

O trabalho aqui articula práticas de leitura de textos dos campos jornalístico/midiático, da vida pública e práticas de leitura. Volta-se, fundamentalmente, ao desenvolvimento da leitura de artigo de opinião, levantamento de teses e opinião sobre fenômeno relevante ao contexto juvenil.

Para planejar o trabalho com esta sequência de atividade 4 propomos que organize o trabalho prevenindo o uso de aproximadamente **4 aulas**.

Como apoio ao seu planejamento, apresentamos a seguir um quadro resumo com as habilidades em foco:

- ✓ Localizar informações explícitas em um texto;
- ✓ Inferir uma informação implícita em um texto;
- ✓ Estabelecer relação entre a tese e os argumentos oferecidos para sustentá-la;
- ✓ Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros;
- ✓ Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções;
- ✓ Identifique efeitos de ironia ou humor em textos variados.

1. Você irá ler um texto publicado em uma revista digital chamada **Viração**, na seção “Juventudes”. Antes de iniciar sua leitura, converse com seus colegas:

a) Que aspecto sensível à juventude o artigo irá tratar?

Resposta pessoal. Professor, conduza os estudantes a conversarem sobre temas e artigos que são direcionados para o público jovem. Como é esta “juventude” retratada pela mídia? Eles se identificam com a linguagem? Eles se identificam com as histórias normalmente abordadas?

b) Quando ele foi publicado? Quem é o autor do texto?

Resposta pessoal. Professor, instigue os estudantes a criarem hipóteses sobre a data da publicação, quem é o autor, seu gênero, sua idade, se é um especialista sobre o tema abordado etc.

c) Na sua opinião, que posição o autor do artigo deverá assumir diante do tema abordado?

Resposta pessoal. Professor, comente que o artigo que irão ler faz parte de um coletivo voltado às culturas juvenis; o artigo foi publicado por um jovem colaborador no *blog* deste coletivo. Pergunte aos alunos se os textos que costumam ler na internet, em especial em *blogs*, expressam opinião de autores ou se buscam relatar um determinado fato, como normalmente vemos nas notícias. Incentive-os a discutirem se os textos opinativos são uma tendência do formato (virtual).

2. Agora, leia **Quanto vale um jovem?**, durante sua leitura busque levantar a posição do autor sobre o tema discutido.

Quanto vale um jovem?

Juventudes, 12 de agosto de 2018

Por Jonathan Moreira, da Agência Jovem de Notícias São Paulo

“Acordo. Almoço. Toma um banho. 23 minutos. Peço benção pra minha mãe. Enfrento ônibus lotado. Depois de 2 horas chego à Universidade. 23 minutos. Estudo. Sinto o meu “atraso” na aula. Vejo o reflexo de anos de escravidão. 23 minutos. Enfrento fome e desemprego. Volto pra casa. No escuro da cidade que me atravessa, bato a cabeça cansada na janela meio suja, mas que aparentemente se torna o melhor lugar. Chego em casa. 23 minutos”.

Com pausas bruscas e com a angústia de saber/sentir que a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil, começo meu texto.

Hoje é o dia Internacional da Juventude, data que não é recebida com cerimônias ou mensagens em peso na internet. As vezes é tratado com verdades estabelecidas e, quando muito, apenas um discurso biológico e cientificista. Achar que o conceito de juventude sempre esteve presente e inato em nossa sociedade é um erro, assim como acreditar que toda perspectiva sobre ser jovem é igual. Mentiras que são postas nesta sociedade, em que o disparate verbal se torna mais importante que o fato histórico em si.

O jovem é uma figura muito recente em nossa sociedade, se colocarmos em uma perspectiva histórica, e quando este é posto como um sujeito de direitos e com especificidades, o negócio fica mais louco ainda. **Pois** muitas vezes nós jovens somos considerados, simplesmente, como uma fase de transição, na qual nossa única capacidade é aprender com os mais velhos para tornarmos adultas as ideias.

Recipientes vazios que são preenchidos com uma sabedoria que estampa e canta experiências e conhecimentos. **Mas não é assim.** A partir do momento que o ser humano nasce, suas relações com o espaço, o tempo e com as pessoas, já geram muitas experiências e conhecimentos que devem ser levados em conta. Não que exista alguma verdade extremamente absoluta. **Mas** o espaço de compartilhamento deve ser estabelecido.

O fato dos nossos corpos e percepções a respeito o mundo estarem em constante movimento, não diz que somos simplesmente inocentes e ignorantes. Estamos em um momento especial de nossas vidas, com grandes transformações e relações, que não dizem apenas sobre o corpo físico, mas que transbordam.

Percebo que o desejo do controle total sobre as escolhas do corpo jovem é uma forma de garantir o controle social, pautado em ideias que conservam diversas violências, como desigualdades de gênero e raça. Pensamentos que configuram o país como uma máquina de matar. O Brasil ocupa a sétima

colocação em número de assassinatos de pessoas entre 15 e 29 anos no mundo, morte que tem cor, gênero e classe.

Ademais, quando colocamos o jovem negro em questão, as percepções mudam significativamente. Pois enquanto alguns estavam lutando pela garantia dos direitos da juventude, adolescentes e jovens negros lutavam pelo reconhecimento de serem humanos. Quando vemos em manchetes de jornais que os brancos são considerados “jovens” e os negros “menores infratores”, entendemos a significação do corpo negro.

Pelo fato de estarmos alicerçados em um contexto racista e escravocrata, que é ignorado por muitas figuras públicas, somos vistos apenas como mão de obra e força produtiva, privados dos direitos dignos de todo ser humano. Somos uma “nação” que se alimentou em peitos de garotas pretas que, antes de se (re)conhecerem, eram transformadas em mulheres, em plenas agressões, que escorrem em nossa atualidade.

Quando decidi fazer faculdade recebia e ainda recebo muitos olhares surpresos. Grande parte dos meus amigos de infância estão ralando desde muito cedo, trabalhos informais para conquistarem sua independência financeira. Jovens pobres que muitas vezes não têm a oportunidade de viverem diversas experiências, espaços e conhecimentos, pois precisam contribuir com a renda familiar. Estão entregando folhetos, vendendo água no trem e no trânsito, ajudando em serviços braçais, cuidando de crianças, fazendo faxinas.

Ou estão sendo assassinados no tráfico por uma violência policial cruel e um Estado que trata o corpo jovem negro como marginal, individualiza todas as suas escolhas e ações, como se tudo dependesse exclusivamente dele, ofusca as diversas subjetividades e desigualdades sociais que trilham “muito bem” o caminho deste jovem. Assim como tumbeiros que cortaram este grande mar com lágrimas salgadas. PAUSA. 23 minutos. “ELE NÃO VIU QUE EU ESTAVA COM O UNIFORME DA ESCOLA”. Marcos Vinicius da Silva, 14 anos. Ou só mais um Silva. De pele escura. É assassinado por forças policiais e do Estado.

Este sistema vigente está cada vez mais usando ferramentas meritocráticas para não se responsabilizar pelas dívidas e deveres sociais. Não ponderam as desigualdades de gênero, raça e classe. Como se tudo dependesse apenas de você, apagam qualquer resquício histórico. O “fracasso” não é um problema exclusivamente individual, não empurra só você. Leva também pessoas com histórias semelhantes à sua.

Mas enquanto não verem as experiências dos jovens além da carteira assinada, enquanto não perceberem nossa potencialidade, ouvirem nossas contribuições sem classificar como “ele não sabe o que está falando”. **Enquanto** não houver reparações histórias para jovens negros e pobres será muito difícil arranjar um trampo. E **por fim**, estabelecer uma juventude que vivencia e contribui ativamente para o desenvolvimento do país e do mundo parece uma tarefa intensa, mas saiba que existem muitos movimentos de jovens lutando por maior participação na política, em ONGs, associações, famílias [...] Para construírem juntos, caminhos menos tortuosos.

Disponível em: <<https://viracao.org/blog/quanto-vale-um-jovem/>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

3. Considere a charge abaixo:



Disponível em: <<https://ponte.org/artigo-a-heranca-colonial-e-esclavocrata-nao-pode-sabotar-nossos-valores-novamente/>>.

Acesso em: 17 jun. 2019.

a) Na sua opinião, é possível estabelecer um diálogo entre a charge com o artigo **Quanto vale um jovem?** Qual?

Professor, proporcione discussões para que os estudantes levantem paralelos entre o ponto de vista defendido no texto e na charge. É importante que os alunos apontem se os itens em comum são coerentes com a realidade de jovens negros na nossa sociedade, se estes temas são explorados culturalmente, se são mencionados pela mídia e se há outros espaços possíveis para debatê-los publicamente e o que significaria, nesse contexto, “varrer nossa herança maldita para debaixo do tapete”. Quem ganha e quem perde com isso?

b) Tanto a charge como o texto **Quanto vale um jovem?** utilizam alguns recursos de linguagem para cativar o leitor e transmitir a mensagem desejada, assinale V (verdadeiro) e F (falso) para as alternativas que mencionam corretamente o uso da ironia pelos dois autores.

(**V**) O autor do texto repete “23 minutos”, relacionando o fato ao seu cotidiano para destacar de maneira irônica o dado quantitativo sobre o homicídio de jovens negros no Brasil.

(**F**) Jonathan Moreira transcreve erroneamente a palavra “para” pois não sabe escrever, felizmente o erro não altera o sentido do texto.

(**V**) Na charge, observamos que o tapete é a bandeira brasileira, trata-se de uma metáfora para a nossa sociedade.

(**V**) O responsável pela “faxina” na charge tenta varrer para debaixo do tapete nossa herança maldita, mas isso já não é mais possível de ser feito.

4. O artigo que você leu procura responder a uma questão: *quanto vale um jovem?*

a) O autor responde essa questão?

Professor, conduza os estudantes a fazer uma reflexão sobre o sentido (retórico) do autor colocar esta

pergunta no título do seu artigo. Deve-se especular a intenção do autor ao escolher este recurso. É importante que eles observem se, dessa forma, o autor, “guia” ou “orienta” a leitura do texto para uma determinada resposta: a desvalorização do jovem na sociedade brasileira.

b) Como *Jonathan Moreira* articula os conceitos de valor e juventude em seu texto?

É importante que os estudantes observem que o autor descreve sua rotina e menciona a de outros jovens da sua comunidade, ele utiliza estas realidades para criticar as expectativas da sociedade que enumera durante o artigo.

c) Você concorda com o autor? Por quê? Qual a sua opinião sobre o tema?

Professor, estimule os estudantes a conversarem sobre os argumentos que o autor emprega para embasar sua opinião. Deve-se fomentar o debate sobre formação de opinião, sobre os meios e espaços que permitem o livre debate de diferentes percepções e de que forma essas leituras enriquecem a discussão do tema; contrapondo a atitude a ação de varrer determinadas “realidades” sócio-históricas para debaixo do tapete.

Dar opinião é algo corriqueiro na nossa vida: dizemos o que achamos de uma partida de futebol, de um filme, de uma festa, da aula que assistimos, da atitude de um colega, de um fato ocorrido etc. Uma opinião expressa um juízo pessoal frente a algo. Isso, entretanto, é diferente de argumentar. Mas em que dar opinião é diferente de argumentar? O que é, enfim, argumentar? As questões que seguem vão ajudar na formulação de respostas a essas questões.

5. Indique que frases abaixo contêm argumentação.

Fato e opinião: ainda que possam ser contados de forma tendenciosa, fatos são acontecimentos ocorridos que independem da opinião das pessoas: um acidente de carro com vítimas, um jogo de futebol vencido por um determinado time, um crime cometido, uma lei que foi votada etc. Em todos os casos, algo efetivamente aconteceu. Já opiniões são juízos de valor, posicionamentos sobre temas diversos, podendo também dizer respeito a fatos. Que houve um acidente é fato, a culpa ser de um ou de outro pode ser matéria de opinião. O mesmo em relação a um jogo ou a uma lei votada: o time vencedor mereceu ganhar? A lei é justa? Trará consequências positivas? Essas seriam questões de opinião advindas de fatos ocorridos. Se julgar oportuno, explore alguns outros exemplos de fato e opinião, como os aqui utilizados.

Opinião e argumentação: opinião simples é dizer seu posicionamento sem sustentá-lo, simplesmente emitir um juízo de valor, já argumentar é elencar considerações que sustentem seu ponto de vista.

Frase 1

(X) É preciso que o jovem escolha bem em quem votar, já que as mudanças de que o Brasil tanto precisa dependem, em parte, da iniciativa desses candidatos.

Frase 2

() Não se pode considerar que sejam liberdade de expressão os ataques, ofensas e xingamentos que encontramos cada vez mais na *internet*.

Frase 3

(**X**) A redução da maioria penal por si só não vai reduzir o número de crimes hediondos, visto que, de acordo com dados do Ministério da Justiça, menos de 1% desses crimes são cometidos por menores.

Frase 4

() Reza a Constituição que todo brasileiro tem direito à educação. Infelizmente isso está muito distante da realidade vivida por nós. Um país sem educação é um país sem futuro.

Frase 5

() É preciso participar da vida política do país, acompanhando os acontecimentos mais relevantes, discutindo os problemas nacionais e participando das principais decisões sempre que possível.

Frase 6

(**X**) Dados de pesquisas mostram que mais da metade dos casos de gravidez na adolescência não são devidos à falta de informação. Portanto, a ampliação dos canais de informação sobre métodos anticoncepcionais não trará uma redução significativa desses casos.

Somente nas frases 1, 3 e 6 estão presentes situações de argumentação, sendo que nas duas primeiras a tese é enunciada no início, seguida pelos argumentos, e no último período a tese é enunciada no final.

1: Tese: *É preciso que o povo escolha bem em quem vai votar.* Argumento: *(dado que) as mudanças de que o Brasil tanto precisa dependem, em parte, da iniciativa desses candidatos.*

3: Tese: *A redução da maioria penal por si só não vai reduzir o número de crimes hediondos.* Argumento: *(visto que) menos de 1% desses crimes são cometidos por menores.*

6: Tese: *(Portanto) a ampliação dos canais de informação sobre métodos anticoncepcionais não trará uma redução significativa desses casos.* Argumento: *Dados de pesquisas mostram que mais da metade dos casos de gravidez na adolescência não são devidos à falta de informação.*

Nas outras frases, há apenas a emissão de opiniões, sem nenhuma sustentação, razão pela qual não se pode falar que haja argumentação.

6. Agora, **grife a posição, tese ou opinião defendida** nos períodos assinalados e **circule os argumentos** utilizados.

5. Retome o artigo **Quanto vale um jovem** e, em seu caderno, faça uma tabela como o modelo abaixo e liste alguns argumentos levantados pelo autor para indicar seu posicionamento sobre o valor dado ao jovem no Brasil.

Tipo	Argumento
III. De causa e consequência	<i>O jovem é uma figura muito recente em nossa sociedade, se colocarmos em uma perspectiva histórica, e quando este é posto como um sujeito de direitos e com especificidades, o negócio fica mais louco ainda. Pois muitas vezes nós jovens somos considerados, simplesmente, como uma fase de transição, na qual nossa única capacidade é aprender com os mais velhos para tornarmos adultas as ideias.</i>
IV. Por exemplificação	<i>Quando decidi fazer faculdade recebia e ainda recebo muitos olhares surpresos. Grande parte dos meus amigos de infância estão ralando desde muito cedo, trabalhos informais para conquistarem sua independência financeira.</i>
IV. Por exemplificação	<i>Marcos Vinicius da Silva, 14 anos. Ou só mais um Silva. De pele escura. É assassinado por forças policiais e do Estado.</i>

a) Considere alguns tipos de argumentos que costumamos usar, em textos como o que acabou de ler.

Tipos de argumentos

I. De autoridade: citação da fala de algum especialista no assunto ou de dados de pesquisa.

II. De princípio: citação de valores, direitos, garantidos por lei ou fortemente aceitos por um grupo social.

III. De causa e consequência: os argumentos são apresentados como “efeitos”, isto é, consequências de uma ideia antes apresentada.

IV. Por exemplificação: são apresentados fatos que exemplificam, ilustram a ideia defendida.

b) Retome os argumentos que levantou e classifique cada um dos argumentos levantados pelo autor do artigo de acordo com os tipos apresentados no quadro acima.

Professor, priorize o trabalho colaborativo entre os estudantes. Organize agrupamentos produtivos, mesclando os estudantes em diferentes níveis de proficiência para que possam se ajudar e auxiliar os colegas a superarem suas dificuldades. Nesse contexto, resultados variados também podem estimular e enriquecer os debates sobre diferentes percepções e sobre os argumentos levantados pelo autor.

6. Compare os resultados de sua tabela com seus colegas e discuta os pontos abaixo:

a) No caso do artigo lido, qual o tipo de argumento mais usado pelo autor?

Professor, o autor do texto acaba empregando argumentos por exemplificação e por princípio. Questione os estudantes sobre o efeito que isso causa e os objetivos que possam ter guiado o autor do artigo a organizar seu texto dessa maneira. Destaque que o jovem, com isso, acaba aproximando o leitor de sua realidade, criando um texto com argumentos que buscam a adesão do leitor pelo “sentimento” de injustiça, por exemplo.

b) O autor cita fontes/pesquisas ou fatos notórios para justificar os argumentos apresentados? Quais? Espera-se que os estudantes identifiquem alguns dados citados como “O Brasil ocupa a sétima colocação em número de assassinatos de pessoas entre 15 e 29 anos no mundo, morte que tem cor, gênero e classe”. O autor não menciona a fonte dos dados. Discuta também os motivos e consequências; se a não menção destas fontes anula ou enfraquece o argumento.

7. Localize no artigo as palavras e expressões abaixo:

Pois / Mas / Ademais / Enquanto / Por fim

a) Essas palavras ligam uma ideia apresentada no período em que aparece com outra ideia apresentada anteriormente. Qual a relação que ela estabelece entre essas duas ideias?

Espera-se que os estudantes classifiquem as expressões como conjunções, cada uma empregada no texto com função específica. Estimule a pesquisa das subdivisões desta categoria e ajude-os a relacionar a função gramatical com o uso e efeito de sentido no texto durante a condução da leitura para melhor entendimento.

b) No caso específico abaixo:

*O jovem é uma figura muito recente em nossa sociedade, se colocarmos em uma perspectiva histórica, e quando este é posto como um sujeito de direitos e com especificidades, o negócio fica mais louco ainda. **Pois** muitas vezes nós jovens somos considerados, simplesmente, como uma fase de transição, na qual nossa única capacidade é aprender com os mais velhos para tornarmos adultas as ideias.*

() O conector usado marca a continuidade da ideia apresentada no período anterior, introduzindo um dado que a desenvolve mais.

() A relação é de contradição entre as duas ideias: o que é dito na frase em que o organizador aparece contraria o que foi dito antes.

() O conector introduz uma ideia alternativa, que pode substituir a ideia apresentada no período anterior.

(**X**) O termo usado marca uma relação de causa e consequência entre as ideias apresentadas: a anterior é consequência da seguinte.

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES 5

O QUE FAÇO COM ESSA INFORMAÇÃO? A MULHER JOVEM NO BRASIL

Na **ATIVIDADE 5**, será desenvolvida uma discussão em torno dos índices de homicídios de mulheres brasileiras, destacando fundamentalmente, questionamento levantado a partir dos dados apresentados no Atlas da Violência 2017 e Mapa da Violência de 2015: por que as mulheres negras morrem mais que as brancas no Brasil? Destacamos, portanto, o debate em torno do feminicídio; da leitura do Código Penal, que prevê o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio; do levantamento de possíveis razões que justifiquem o triste quadro brasileiro. No entanto, caso julgue adequado ao seu contexto escolar, sugerimos, que os alunos tenham acesso e leiam:

A Vitimização da Mulher no Brasil, 2017. Disponível em: <<http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/03/relatorio-pesquisa-vs4.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

Vamos falar de gênero? Disponível em: <<https://www.politize.com.br/vamos-falar-sobre-genero/>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

Feminicídio: a faceta do machismo no Brasil. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/feminicidio/>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

O trabalho aqui articula práticas de leitura de textos dos campos jornalístico/midiático, da vida pública e práticas de leitura.

Volta-se fundamentalmente ao desenvolvimento da leitura de infográficos; articulação entre dados de pesquisa, levantamento de teses e opiniões sobre o que é possível fazer pela prevenção da violência contra a mulher. Para planejar o trabalho com esta sequência de atividade 5 propomos que organize o trabalho prevendo o uso de aproximadamente 4 aulas.

Como apoio ao seu planejamento, apresentamos a seguir um quadro resumo com as habilidades em foco:

- ✓ Localizar informações explícitas em um texto;
- ✓ Inferir uma informação implícita em um texto;
- ✓ Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, foto etc.);
- ✓ Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros;
- ✓ Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato.

Como vimos, nos dados levantados pelo **Atlas da Violência 2017** não só os jovens vivem em condição de vulnerabilidade, as mulheres negras vivem em situação de risco no Brasil.

1. Observe os dados retirados do infográfico criado pelo IPEA.

a) Em relação ao índice de homicídios: qual a situação da mulher negra em comparação a mulher não negra? Espera-se que os estudantes identifiquem que a taxa de mortalidade da mulher negra ascendeu, ao contrário da taxa de mortalidade da mulher branca.

b) Na sua opinião, por que as mulheres negras morrem mais que as brancas no Brasil?

Professor, desenvolva o debate centrando nos argumentos dos estudantes. Estimule os grupos a citarem dados que justifiquem a percepção deles em relação ao tema. Proponha que o grupo relacione os argumentos levantados com notícias, testemunhos e outras leituras. Anote a participação dos alunos, para que, se for o caso, retomem e reformulem o que afirmaram.



Disponível em: <http://ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30253>. Acesso em: 17 jun. 2019.

2. Leia a matéria publicada pela Agência Brasil, compare com os dados levantados pelo Atlas da Violência 2017 e busque identificar alguns fatos que justifiquem a triste realidade das mulheres negras no Brasil.

Em 10 anos, assassinatos de mulheres negras aumentaram 15,4%

Publicado em 06/06/2018 - 16:12

Por Akemi Nitahara – Repórter da Agência Brasil, Rio de Janeiro

No ano de 2016, foram assassinadas 4.645 mulheres no país, o que representa uma taxa de 4,5 homicídios para cada 100 mil brasileiras. O aumento em dez anos foi de 6,4% - em 2006, foram mortas 4.030 mulheres no Brasil e a taxa de homicídio feminino ficou em 4,2 por grupo de 100 mil.

Os dados fazem parte do estudo Atlas da Violência 2018, apresentados ontem (5) pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP).

A situação se agrava quando consideradas apenas as negras, que inclui as mulheres pretas e pardas. Enquanto entre as mulheres negras a taxa de homicídio ficou em 5,3 por grupo de 100 mil em 2016, entre as não negras, englobando brancas, amarelas e indígenas, a taxa foi de 3,1, uma diferença de 71%.

“Nos últimos 10 anos a taxa de homicídios de mulheres não negras diminuiu 8% e no mesmo período a taxa de homicídio de mulheres negras aumentou 15%. Ou seja, é necessário que haja uma focalização das ações do Poder Público, no sentido de reverter esse cenário trágico que a gente pode ver a partir do Atlas”, destacou o pesquisador do FBSP David Marques.

Em 12 estados, o aumento da taxa de homicídio de mulheres negras foi maior do que 50%, sendo dois deles superior a 100%, Amazonas e Rio Grande do Norte. Em Roraima o aumento de assassinatos de mulheres negras em 10 anos foi de 214%. Goiás apresenta a maior taxa de homicídio de negras, com taxa de 8,5 por grupo de 100 mil. No Pará foram assassinadas, em 2016, 8,3 mulheres negras para cada grupo de 100 mil e em Pernambuco a taxa ficou em 7,2. São Paulo, Paraná e Piauí tem as menores taxas de homicídio de mulheres negras do país, com 2,4, 2,5 e 3,4 por 100 mil, respectivamente. Em sete estados houve redução da taxa no período, entre 12% e 37%.

Entre as mulheres brancas, houve crescimento no número de assassinatos superior a 50% em seis estados. No Tocantins o crescimento, entre 2006 e 2016, chegou a 131,5%, na Bahia 148,4% e no

Maranhão houve aumento de 246,9% na taxa de homicídio de mulheres não negras. O estado mais violento para esse grupo é Roraima, onde 21,9 mulheres não negras são assassinadas a cada grupo de 100 mil, seguido de Rondônia, com taxa de 6,6, e Tocantins, com 5,7. Os estados que menos matam mulheres não negras são o Piauí, com 0,8 por 100 mil, Ceará, com 1, e Alagoas, com 1,3. Excluindo Roraima, nenhum estado tem taxa de homicídio de não negras superior a 7 por 100 mil, enquanto entre as mulheres negras apenas sete estados têm taxas abaixo de 5.

Feminicídio

Segundo a publicação, a base de dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade não traz indicação sobre a motivação dos homicídios, portanto não é possível identificar o crime de feminicídio. No entanto, os pesquisadores apontam que a mulher assassinada muitas vezes já foi vítima de outras violências de gênero, como violência psicológica, patrimonial, física ou sexual e que, portanto, o desfecho fatal poderia ter sido evitado em muitos casos se as mulheres tivessem tido apoio para sair de um ciclo de violência.

A publicação traz uma análise sobre as possibilidades para estimar o número de feminicídio no país e cita metodologias desenvolvidos por pesquisadores. Uma delas busca separar os assassinatos motivados pelo fato de a vítima ser mulher em três categorias, de acordo com os indícios prévios do contexto social e doméstico da vítima: feminicídio reprodutivo, feminicídio doméstico e feminicídio sexual.

Nessa abordagem, o feminicídio reprodutivo inclui casos de morte após aborto voluntário, já que decorre de “políticas de controle do corpo feminino e de supressão da liberdade e de direitos”. O feminicídio sexual inclui os casos de agressão sexual por meio de força física, o que é tipificado no código penal como estupro seguido de morte. E o feminicídio doméstico pode ser estimado pelo local de ocorrência.

Disponível em: < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-06/em-10-anos-assassinatos-de-mulheres-negras-aumentaram-154> >
.Acesso em: 17 jun. 2019.(adaptado)

3. Discuta com seus colegas:

a) Qual a semelhança e a diferença entre o quadro discutido na entrevista anterior (Mapa da Violência de 2015) com o quadro observado no infográfico 1B?

Espera-se que os estudantes identifiquem que o texto e o infográfico apontam para o crescimento da taxa de violência contra mulheres negras, enquanto o índice de violência contra mulheres brancas diminuiu.

b) A partir dos dados apresentados pela *Agência Brasil* é possível inferir por que as mulheres negras continuam morrendo no Brasil?

Essa questão não é respondida claramente no texto. Não são levantados motivos claros para o índice de assassinato entre mulheres negras. Contudo, pela leitura dos dados e pelas informações destacadas na notícia é possível inferir que políticas públicas de combate à violência não estão alcançando as mulheres negras, e que ignoram a realidade dessas mulheres. Pois, como é possível observar no texto lido, a mulher assassinada muitas vezes já foi vítima de outras violências (de gênero, psicológica, patrimonial, física ou sexual), portanto as mulheres negras também devem ser as maiores vítimas dessas outras formas de violência, cujo desfecho fatal “poderia ter sido evitado em muitos casos se as mulheres tivessem tido apoio para sair de um ciclo de violência”. É importante, nesse caso, que os alunos busquem esclarecer sua posição com argumentos e dados.

c) Segundo David Marques, citado em na notícia publicada na *Agência Brasil*, o que seria necessário fazer pela prevenção da violência contra a mulher? Concorde com ele? Por quê?

Resposta pessoal. Professor, durante as discussões, ao “concordarem” ou “não” com o argumento de David Marques (“é necessário que haja uma focalização das ações do Poder Público, no sentido de reverter esse cenário trágico que a gente pode ver a partir do Atlas”), comente que, ao produzirmos um texto de caráter argumentativo, como um artigo de opinião (um debate, um comentário de *internet*, uma redação dissertativo-argumentativa), tomamos algumas decisões orientadoras que organizam nosso enunciado. Dessa forma, “optamos” por uma certa “argumentação”, segundo nosso posicionamento/intenção - movimentos argumentativos. Por exemplo:

Sustentação: o texto se orienta basicamente a partir de argumentos que reforcem o nosso ponto de vista, sem apresentar explicitamente outros pontos de vista;

Refutação: o texto se orienta com base na apresentação e contestação de pontos de vista contrários ao nosso (contra-argumentos);

Negociação: nesse caso, o texto se orienta diante da “aceitação” parcial de contrários ao nosso. No entanto, ainda assim refuta-se a outra parte.

4. A partir de 2015, a palavra **feminicídio** passou a ser usada para designar um crime no Brasil. Mas o que isso significa? Leia os trechos abaixo e busque compreender a importância dessa tipificação.

Feminicídio

VI - contra a mulher por razões da condição de sexo feminino:

.....

§ 2º -A Considera-se que há razões de condição de sexo feminino quando o crime envolve:

I - violência doméstica e familiar;

II - menosprezo ou discriminação à condição de mulher.

.....

Aumento de pena

.....

§ 7º A pena do feminicídio é aumentada de 1/3 (um terço) até a metade se o crime for praticado:

I - durante a gestação ou nos 3 (três) meses posteriores ao parto;

II - contra pessoa menor de 14 (catorze) anos, maior de 60 (sessenta) anos ou com deficiência;

III - na presença de descendente ou de ascendente da vítima.” (NR)

FEMINICÍDIO: A FACETA FINAL DO MACHISMO NO BRASIL

Carla Mereles

Feminicídio é uma palavra nova para uma prática antiga, uma vez que mulheres morrem de formas trágicas todos os dias no Brasil: são espancadas, estranguladas, agredidas brutalmente até o momento em que perdem a vida. A palavra feminicídio passou a ser usada para designar um crime no Brasil a partir de 2015, pois existe nele uma particularidade. Vamos falar sobre feminicídio?

O QUE É FEMINICÍDIO?

Feminicídio é uma palavra que define o homicídio de mulheres como crime hediondo quando envolve menosprezo ou discriminação à condição de mulher e violência doméstica e familiar. A lei define feminicídio como “o assassinato de uma mulher cometido por razões da condição de sexo feminino” e a pena prevista para o homicídio qualificado é de reclusão de 12 a 30 anos.

 **politize!** Créditos: www.politize.com.br. Conteúdos retirados do portal Politize!“. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/feminicidio/>>

Acesso em: 17 jun. 2019.

a) Como o feminicídio é definido pela lei brasileira?

Espera-se que os estudantes identifiquem como homicídio de mulher motivado por violência doméstica ou discriminação de gênero.

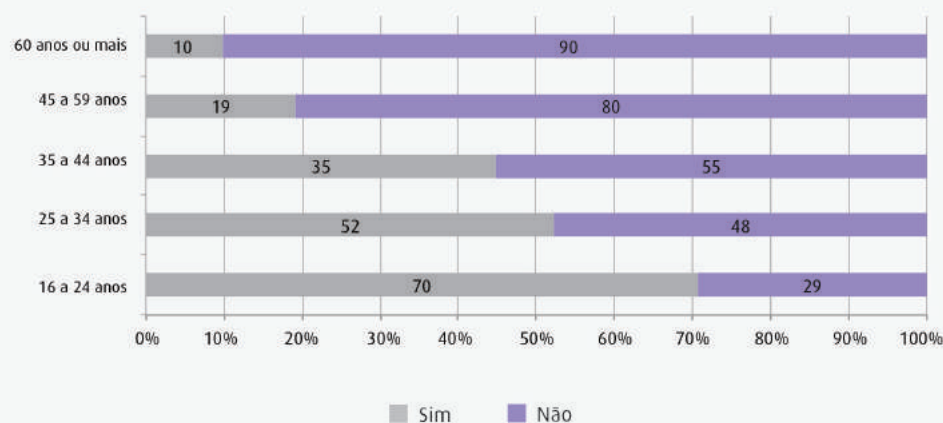
b) Mesmo que o feminicídio só tenha sido tipificado recentemente (2015), podemos considerar esse um fenômeno recente? Por quê?

Professor, oriente os estudantes a debaterem notícias, testemunhos, outras leituras e as percepções diversas em relação à criação e à aplicação da lei. Observe o levantamento de hipóteses e ajude-os a relacioná-las com os textos e infográficos das atividades anteriores.

c) Na sua opinião, é importante se discutir amplamente o fenômeno do feminicídio e da situação de vulnerabilidade vivenciada por mulheres no Brasil? Por quê? Em sua resposta, considere os gráficos abaixo produzidos pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública em 2017:

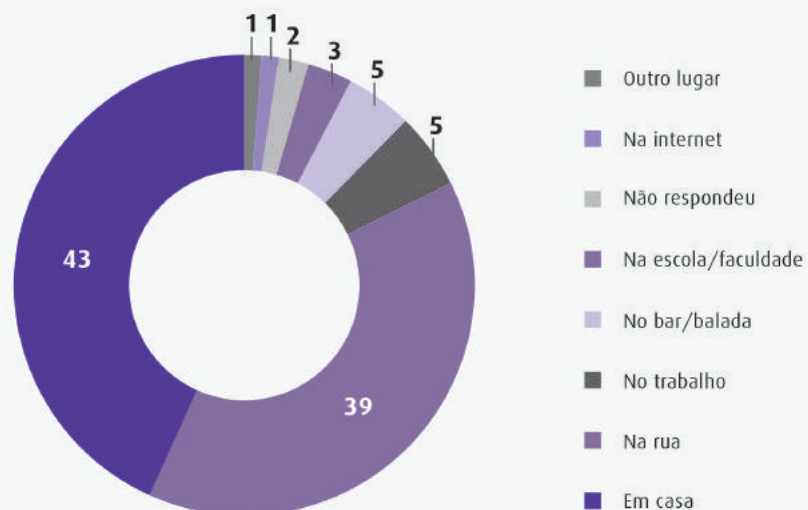
Professor, proponha aos estudantes que utilizem os dados demonstrados pelos gráficos para argumentar sobre suas hipóteses. Espera-se que eles observem e relacionem a maior incidência de assédio por faixa etária do primeiro gráfico com o tipo de local em que ocorrem as violências mais graves demonstrados no segundo gráfico.

Gráfico 17: Vitimização de mulheres por assédio nos últimos 12 meses, por faixa etária, Brasil (%).



Disponível em: <<http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/03/relatorio-pesquisa-vs4.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

Gráfico 14: Tipo de local considerando a violência mais grave sofrida nos últimos 12 meses, por faixa etária, Brasil (%).



Fonte: Datafolha/FBSP, 2017.

Disponível em: <<http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/03/relatorio-pesquisa-vs4.pdf>> Acesso em: 17 jun. 2019.

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES 6

DISCUTA COM SEUS COLEGAS: O QUE SIGNIFICA “IGUALDADE DE DIREITOS”?

Na **ATIVIDADE 6**, vamos desenvolver discussões em torno dos debates sobre igualdade de direitos, destacando fundamentalmente, a igualdade de gênero por meio da leitura do *inciso do Artigo 5º da Constituição Federal de 1988*. Selecionamos partes fundamentais do material produzido pelo site Politize! (igualdade de gênero - artigo quinto). No entanto, caso julgue adequado ao seu contexto escolar, sugerimos que os estudantes tenham acesso ao material completo:

Igualdade de Gênero. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/artigo-5/igualdade-de-genero/>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

No mesmo sentido, sugerimos a leitura da **trilha de conteúdo** criada também pelo site Politize! para que os alunos aprofundem seus conhecimentos sobre a história dos direitos e movimentos das mulheres no Brasil:

Mulheres e democracia. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/trilhas/mulheres-e-democracia/>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

As estruturas das leis. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/estrutura-das-leis-entenda/>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

O trabalho aqui articula práticas de leitura de textos dos campos jornalístico/midiático e da vida pública. Volta-se fundamentalmente à leitura e articulação entre documentos oficiais, compreensão de direitos e deveres garantidos na Constituição e ao levantamento de teses e opiniões sobre fenômeno da realidade importante ao contexto juvenil.

Portanto, para planejar o trabalho com esta sequência de atividade 6, propomos que organize o trabalho prevendo o uso de aproximadamente **6 aulas**.

Como apoio ao seu planejamento, apresentamos a seguir um quadro resumo com as habilidades em foco:

- ✓ Localizar informações explícitas em um texto;
- ✓ Inferir uma informação implícita em um texto;
- ✓ Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, foto etc.);
- ✓ Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros.

Frustrada com as representações da mídia, a ilustradora **Carol Porfírio** criou o projeto *Fight Like a Girl* (Lute como uma garota) com imagens de personagens femininas que se destacam em suas narrativas. A iniciativa começou em 2015, ano do primeiro evento do *Ni Una Menos* (Nenhuma a menos) na Argentina, quando milhares de mulheres foram às ruas, para protestar, após a morte da adolescente Chiara Páez de 14 anos, que estava grávida quando foi assassinada pelo namorado. Desde então, a frase “Lute como uma Garota” estampa cartazes, grafites, camisetas e se tornou *slogan* para o movimento por igualdade de direitos.

LUTE
COMO
UMA
GAROTA.

Mas o que significa “igualdade de direitos”?

Abaixo, você poderá ler a reportagem do **sítio Politize!** (<https://www.politize.com.br/>), produzida em parceria com o Instituto Mattos Filho sobre igualdade de Gênero no Brasil.

Organize os estudantes em grupos para que possam fazer uma leitura em conjunto. A leitura organizada dessa forma pode ajudá-los a desenvolver/ampliar as habilidades e procedimentos de leitura objetivados por esta sequência de atividade. Para mediar esse tipo de atividade, sugerimos que, em seu planejamento, familiarize-se com o texto, procurando antecipar ideias e questões que poderão circular entre os alunos. Organize as orientações de leitura em *antes, durante e depois da leitura*.

Antes: momento de exploração do texto; reconhecimento de características gerais –título, fotografias, imagens, as partes do texto, autor, data etc.; ativação dos conhecimentos prévios e levantamento de hipóteses.

Durante: neste momento, a partir de uma situação (objetivo) de leitura clara, podem ser propostas questões voltadas ao desenvolvimento da fluência leitora e de práticas de leitura.

Depois da leitura: promova a continuidade da conversa sobre o texto, usando as questões propostas aqui.

Durante as interações, é fundamental propor que os estudantes retomem suas hipóteses sobre o texto e comentem e compartilhem com os colegas como “chegaram” a uma determinada conclusão. Dessa forma, promove-se oportunidade para que explicitem as estratégias que foram empregadas para localizar informação, para estabelecer relações, para checar a validade das hipóteses levantadas inicialmente etc., de modo que, ao explicitá-las, todos aprendem, mesmo quando a resposta não expressa uma leitura possível do texto.

1. Observe a abertura da reportagem escrita por Ana Paula Chudzinski Tavassi e Pâmela Moraes:

INCISO I - IGUALDADE DE GÊNERO

“Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição”

 **politize!** Créditos: www.politize.com.br. Conteúdos retirados do portal Politize!“Disponível em: <<https://www.politize.com.br/artigo-5/igualdade-de-genero/>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

Refleta com seus colegas e, durante as discussões, designe alguém do grupo para anotar os principais posicionamentos, argumentos e exemplos levantados pelos colegas:

Procure organizar a participação da turma, incentivando que todos falem, especialmente os estudantes que possam necessitar de mais apoio para a compreensão do texto.

a) Na sua opinião, o que significa ser iguais em direito e obrigações?

b) O que é necessário garantir (e existir) para que sejam garantidas reais condições de igualdades de direitos e obrigações entre homens e mulheres?

c) Na sua opinião, as condições de direitos e deveres entre mulheres e homens brasileiros são realmente de igualdade? Por quê?

2. Agora, leia o trecho da reportagem sobre igualdade de direitos publicada pelo *site Politize!* Durante sua leitura, considere o que discutiu anteriormente com seus colegas.

Professor, os estudantes irão ler um texto jurídico. Normalmente não estão familiarizados com os termos e organização de textos dessa natureza. Caso julgue necessário e adequado a seu contexto escolar, levante com o grupo alguns termos que poderão encontrar durante a leitura. Sugerimos também a retomada da leitura do texto sobre a estrutura das leis, já indicado anteriormente. **A estrutura das leis**. Disponível em: < <https://www.politize.com.br/estrutura-das-leis-entenda/>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

Caso seja necessário, reformule seu posicionamento. Ou retome algum dos pontos discutidos com seus colegas.

ANALISANDO O INCISO I

Ana Paula Chudzinski Tavassi

Pâmela Morais

Art.5º, I, CF – *“Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;”*

O primeiro inciso do artigo 5º da Constituição Federal trata do que chamamos de “igualdade de gênero”. Ou seja, prevê que todas as pessoas, independentemente de seu gênero, são iguais sob a ótica da Constituição. **Isso quer dizer que todas e todos devem ter os mesmos direitos, oportunidades, responsabilidades e obrigações.** Esse inciso é tão importante que é considerado um direito fundamental, indispensável à cidadania, à sociedade e ao Estado brasileiro.

Para compreender o inciso I e a igualdade de gênero prevista nele, precisamos antes entender o **Princípio da Igualdade**, ou **Princípio da Isonomia**. Para isso, é necessário retomar a leitura do *Caput* do Artigo 5º e compreender o conceito de igualdade definido por ele.

O *caput* do artigo 5º diz o seguinte:

“Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes;”

Essa igualdade de que trata o *caput* deve ser entendida tanto como **igualdade formal**, ou seja, a garantia de que todos os cidadãos e residentes no país devem receber tratamento idêntico perante a lei, quanto como igualdade material, que abraça a ideia de que os indivíduos são diferentes e que essas particularidades devem ser levadas em conta em busca de um balanceamento ideal. Dessa forma, cabe ao Estado a função de promover o combate a desigualdades, determinando políticas que levem em consideração as especificidades de grupos sociais diferentes.

É, então, justamente a partir dessas ideias de igualdade formal e igualdade material que se deve ler o inciso I. Isso é dizer que a igualdade de gênero não ignora a existência de diferenças entre homens e mulheres, mas sim afirma que o **gênero não deve ser um critério de discriminação negativa**. O que a igualdade de gênero propõe é que o gênero não deve ser um critério de discriminação negativa, ou seja, que o gênero não pode ser a causa para que se reconheça a uma pessoa menos direitos ou mais obrigações. Isso significa dizer que a igualdade de gênero abraça a ideia de que os indivíduos

são diferentes e que essas particularidades devem ser levadas em consideração a fim de garantir que, independentemente de seu gênero, todas as pessoas tenham as mesmas oportunidades para se desenvolver, com suas ações e vozes sendo valorizadas igualmente.

É nessa mesma linha que se deve observar que, para que a defesa dos direitos das mulheres seja efetiva, no sentido de construção de uma sociedade verdadeiramente igualitária e que preza pelo bem-estar e liberdade de todos os seus cidadãos e cidadãs, é essencial que a sociedade dê atenção às necessidades específicas dos diferentes grupos de mulheres. Assim, a igualdade de gênero só será plenamente concretizada se formos capazes de, por meio da legislação e de políticas públicas adequadas, garantir a todas as mulheres, independentemente de sua cor, origem, orientação sexual ou classe social as oportunidades e direitos necessários para que elas se desenvolvam em toda sua potência.

[...]

QUAL A RELEVÂNCIA DA IGUALDADE DE GÊNERO?

A igualdade de gênero é um dos pilares para construção de uma sociedade verdadeiramente igual, justa e democrática. Ela surge do reconhecimento de que **vivemos em uma sociedade que, sistematicamente, discrimina mulheres** por seu gênero e estabelece o compromisso de alterar essa situação. É nesse sentido, que alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as meninas e mulheres é, inclusive, um dos objetivos de desenvolvimento sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU), conhecidos como Agenda 2030. Em resumo, são metas da organização a serem cumpridas até o ano de 2030 e a igualdade de gênero é a quinta delas.

Ainda que muitas vezes seja vista como uma questão “das mulheres”, a igualdade de gênero é uma pauta de direitos humanos e é necessário que os homens também se envolvam para que seja possível alcançá-la. Crimes como assédio, estupro, feminicídio e outras formas de violência contra a mulher são problemas sociais que, como tal, demandam atenção da sociedade como um todo.

 **politize!** Créditos: www.politize.com.br e Instituto Mattos Filho. Conteúdos retirados do portal Politize!. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/artigo-5/igualdade-de-genero/>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

3. Retome a síntese das discussões criada pelo grupo e considere os dados abaixo. Em seguida, complemente as discussões:

Com relação a representatividade das mulheres na política nacional:

a) Qual a realidade do cenário brasileiro?

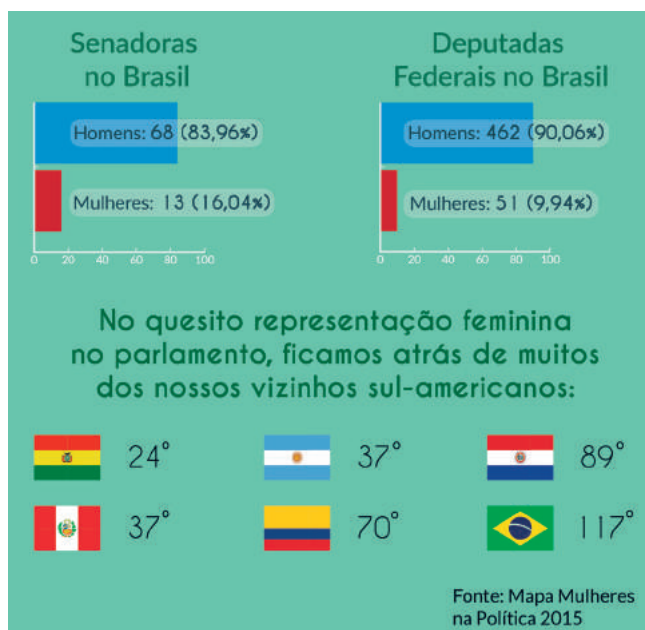
b) Na sua opinião, essa condição reflete, ou não, na igualdade de direitos entre mulheres e homens? Por quê?

Infográfico I



 Créditos: www.politize.com.br. Conteúdos retirados do portal Politize!". Disponível em: <<https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms%2Ffiles%2F16076%2F1474569404info-mulhernapolitica-politize-2016.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

Infográfico II



 Créditos: www.politize.com.br. Conteúdos retirados do portal Politize!". Disponível em: <<https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms%2Ffiles%2F16076%2F1474569404info-mulhernapolitica-politize-2016.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES 7

DISCUTA COM SEUS COLEGAS: LUGAR DE FALA E LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Na **ATIVIDADE 7**, vamos desenvolver discussão em torno do conceito “lugar de fala”: como ele vem sendo utilizado nas redes sociais, sua relação com representatividade, liberdade de expressão e as polêmicas que circulam sobre o tema. Para tanto, destacamos a leitura do artigo **Lugar de Fala esse Incompreendido**, publicado no *site* Amazônia Real (<http://amazoniareal.com.br>). No entanto, caso julgue adequado ao seu contexto escolar, sugerimos, que os alunos tenham acesso a diferentes pontos de vista sobre o tema.

O **“LUGAR DE FALA” AMEAÇA A LIBERDADE DE EXPRESSÃO?**. Disponível em: <<http://dissenso.org/o-lugar-de-fala-ameaca-a-liberdade-de-expressao/>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

PODE O SUBALTERNO FALAR? Disponível em: <<http://dissenso.org/pode-o-subalterno-falar/>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

Professor, da mesma forma, caso julgue adequado ao seu contexto, você também pode ampliar os trabalhos, indicando a leitura dos materiais abaixo sobre liberdade de expressão:

INCISO IV – A “LIBERDADE DE PENSAMENTO”. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/artigo-5/liberdade-de-pensamento/>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

O trabalho aqui articula práticas de leitura de textos dos campos jornalístico/midiático, da vida pública e práticas de leitura. Volta-se ao levantamento de argumentos sobre fenômeno da realidade importante ao contexto juvenil. Portanto, para planejar o trabalho com esta sequência de atividade 7 propomos que organize o trabalho prevendo o uso de aproximadamente 6 aulas.

Como apoio ao seu planejamento, apresentamos a seguir um quadro resumo com as habilidades em foco:

- ✓ Localizar informações explícitas em um texto;
- ✓ Inferir uma informação implícita em um texto;
- ✓ Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou ao mesmo tema.

1. O conceito do “lugar de fala” está sendo muito utilizado nas redes sociais e muitas polêmicas circulam sobre o tema.

Você já conhecia essa expressão? Se sim, compartilhe com seus colegas:

- Qual seria o significado de “lugar de fala”?
- Dê exemplos dos usos de “lugar de fala” nas redes sociais.
- Dentro desse contexto, por que “lugar de fala” pode ser considerado polêmico?

Professor, conduza os estudantes a utilizarem os dados para o debate de hipóteses sobre o significado do termo. Estimule o relato de leituras anteriores, testemunhos. Ajude-os a relacionar as redes sociais com o lugar de fala como um grande laboratório social, que reúne percepções, aflora sentidos e cria espaços para manifestação.

2. Durante a leitura do texto de Juarez Silva Junior, publicado originalmente no site da agência Amazônia Real no dia 19/03/2019, observe se o conceito, como o autor o defende, pode ser denominado como polêmico e por quê.

Lugar de fala, esse incompreendido

Juarez Silva Jr

Nos últimos anos, nas discussões e textos dos ativismos e principalmente no neoativismo de praticamente todos os recortes dos movimentos sociais, o termo é extremamente utilizado, e não raro de forma equivocada.

Mas afinal o que é “lugar de fala”?

A origem do termo é, nos textos mais populares e atuais, reconhecida como proveniente do feminismo dos anos 80. Teria aparecido pela primeira vez no artigo “O problema de falar pelos outros”, de Linda Alcoff, filósofa panamenha, e em texto da professora indiana Gayatri Spivak, o ensaio “Pode o subalterno falar?”. Basicamente surge como uma questão de “voz de minorias” e autorrepresentatividade.

Obviamente o conceito transcendeu o escopo original e ganhou análises e compreensões diferenciadas, além de usos práticos e intenções de uso.

O fato de, em essência, o conceito se ligar a autorrepresentação e protagonismo nas lutas ativistas provoca um entendimento generalizado de que o lugar citado na expressão seria um “espaço” de atuação, pautamento e discurso aonde determinado grupo dominaria e protagonizaria. A crítica mais comum a essa visão é que, para muitos, isso significa uma exclusividade identitária de atuação e voz no respectivo espaço, o que cerceia a participação e mesmo manifestação de outros atores que não pertençam ao recorte. Além de antidemocrático, faz com que a luta siga “intestinal” e pouco eficaz, não envolvendo quem de fato precisa ser atingido, afastando aliados externos e empobrecendo o debate.

Na lógica acima, apenas mulheres poderiam se manifestar sobre feminismo e machismo, apenas negros e indígenas poderiam se manifestar sobre racismo, apenas LGBTQs poderiam se manifestar sobre homofobia e transfobia, sendo que a última seria exclusividade de transgêneros [...]

Nesse paradigma o que autoriza a fala é o pertencimento e VIVÊNCIA, exigindo “silêncio” de quem não as possui.

Há, porém, outros entendimentos. Por exemplo, o de que lugar de fala se aplica a qualquer situação para além do ativismo, na qual em debate, um discurso ou posicionamento está vinculado não apenas às vivências pessoais, mas à uma série de fatores outros. Aqui lugar de fala é apenas A PARTIR DE ONDE se fala, é uma posição *rankeada* de credibilidade e autoridade aposta ao discurso, não um autorizador ou inibidor de manifestação. Essa é a minha linha de pensamento.

A “autoridade” no lugar de fala não é inata, não é apenas por simples pertença, não é exclusivamente por “vivência” e não é exclusivamente por estudo formal. Ela é COMPOSTA, ou seja, cada indivíduo é qualificado a partir do conjunto de informações, pertença, vivências e estudos que possui. Sendo assim, lugar de fala não se confunde com protagonismo, muito menos pode ser “roubado”, todo problema comporta vários lugares de fala.

O machismo, por exemplo, é um fenômeno social. Logo, afeta a sociedade, ou seja, todos, não apenas mulheres. O fato de mulheres serem as vítimas mais óbvias do machismo não as faz todas automática e universalmente “mais conhecedoras” que qualquer outro, ou “donas exclusivas” do tema, até porque o machismo é criado e exercido majoritariamente pelos homens.

Ninguém exerce com eficiência um ofício que “desconhece”. Seria como dizer que as vítimas da ditadura militar conheciam mais de militarismo do que os militares, ou os torturados mais da tortura que os torturadores [...], ambos os lados são conhecedores e aptos a se manifestar sobre o assunto, a diferença é de percepção.

O lugar de fala não é só questão de percepção, mas é grandemente, e essa é muito mais particular que coletiva [...]. No caso do racismo, há negros com muito menos autoridade de lugar de fala que brancos, pois só o conhecem com a percepção do vivido, não o conhecem teoricamente e nem em contextos diversos [...], alguns até afirmam não ter vivência alguma [...], daí que é um equívoco neotivista a reivindicação de exclusividade e/ou “superioridade absoluta de fala” coletiva pela mera pertença identitária.

O mundo está cheio de especialistas em objetos de pesquisa dos quais não fazem parte nativa ou natural, mas que, pelo estudo, vivências (ou ambos) dominam excepcionalmente as questões relativas, mesmo que a partir de uma condição distinta. Aliás, a especialização hierarquiza e valoriza a fala, mas não deve impedir no contexto de debates livres e abertos a participação de não-especialistas, o lugar de fala não deve ser reivindicado como mordalha antidemocrática como infelizmente tem sido.

Disponível em: <<http://amazoniareal.com.br/lugar-de-fala-esse-incompreendido/>>. Acesso em: 17 jun. 2019. (Adaptado)

Espera-se que após a leitura, os estudantes percebam que o autor argumenta para o esclarecimento do que é o lugar de fala de acordo com sua percepção. O texto aborda outros usos do conceito e registra o que considera como discordância e uso indevido, segundo esta ótica.

2. Responda:

a) Por que o autor utiliza a expressão “este incompreendido” no título?

Espera-se que os estudantes levantem hipóteses para a escolha do autor. É importante que eles relacionem o título com a análise do conceito feita pelo autor.

b) Qual seria a origem do termo “lugar de fala”?

Professor, o autor menciona que o termo teria aparecido pela primeira vez no artigo “O problema de falar pelos outros”, de Linda Alcoff, filósofa panamenha, e em texto da professora indiana Gayatri Spivak, o ensaio “Pode o subalterno falar?”. Basicamente surge como uma questão de “voz de minorias” e autorrepresentatividade. Destaque o que o autor fala sobre os usos da expressão dentro dos movimentos sociais e neotivismo. Estimule a pesquisa para enriquecimento da atividade.

c) O que defendem aqueles que criticam o termo? Com relação às críticas feitas, quais são os contra-argumentos levantados pelo autor do texto?

Deve-se considerar que o autor defende que o lugar de fala não se refere a uma autoridade inata, não é exclusivamente por vivência e nem por estudo formal. Esta autoridade é composta, e cada indivíduo é qualificado a partir do seu lugar social. Segundo ele, todo problema comporta vários lugares de fala.

d) Você já se sentiu “desautorizado” a falar sobre um tema?

Professor, relacione a leitura para ajudar os estudantes a analisarem a que se refere a autoridade do lugar de fala. Estimule o debate e a troca de ideias e o levantamento de hipóteses sobre os espaços e temas que ficam sujeitos à manifestação de um grupo em detrimento do outro.

e) Na sua opinião, em relação a um “lugar de fala”, também haveria um “lugar de escuta”?

Espera-se que os estudantes relacionem o lugar de fala, depois da leitura e debate, como uma reivindicação do sujeito histórico discriminado. O lugar de fala, como o autor o defende, está ligado ao equilíbrio das relações de poder. É importante que os alunos opinem sobre lugar de fala e escuta, como ferramentas para silenciar um grupo ou um tema dentro de um espaço de manifestação.

f) Haveria determinadas condições que qualificam, ou não, o sujeito a falar sobre determinado assunto; enquanto outros, não? Por quê?

O autor indica alguns usos do conceito e defende que a autoridade do lugar de fala não é inata, não é exclusiva da experiência, nem do estudo formal, este é um recorte do autor. Relacione a leitura com o debate de argumentos que possam qualificar um discurso em detrimento de outro e de que forma estas condições beneficiam ou empobrecem o acesso à informação.

3. Discuta com seus colegas:

O lugar de fala limita a liberdade de expressão?

Mas antes, **individualmente**, reflita:

a) Qual a sua opinião?

() Sim () Não () Em parte

b. Elabore um argumento que você usaria para defender a sua posição. Registre-o. *Lembre-se:* a própria matéria destaca que há diferentes posições sobre essa questão.

c. Agora, discuta a questão com seus colegas e tome nota. Em seu caderno, faça uma tabela como o modelo abaixo anote posicionamento dos colegas.

Questão – O “lugar de fala” limita a liberdade de expressão?	
	Argumento(s) levantado(s) que sustenta(m) a opinião do participante.
Aluno 1: _____	
Resposta:	
() Sim	
() Não	
() Em parte	

Aluno 2: _____ Resposta: ☐ Sim ☐ Não ☐ Em parte	
---	--

4. Levantem quantas pessoas assumiram cada uma das posições.

Questão – O “lugar de fala” limita a liberdade de expressão?	
☐ Sim	
☐ Não	
☐ Em parte	

5. Quais foram os principais argumentos apresentados, registrando apenas os que não se repetem.
Atenção: quando se depararem com argumentos em comum, optem por registrar a formulação que considerarem mais clara, consistente e completa.

Argumentos. Sim , o “lugar de fala” limita a liberdade de expressão	
Argumentos Não , o “lugar de fala” limita a liberdade de expressão	
Argumentos. O “lugar de fala” limita a liberdade de expressão em parte .	

6. Agora, retome seu primeiro registro. Considere a participação de seus colegas no debate, caso julgue necessário, incremente seus argumentos iniciais.

Nesse momento, os alunos deverão recuperar os principais pontos estudados até aqui. Retome com a turma as discussões desenvolvidas durante as atividades: os argumentos levantados e os textos lidos. Questione se gostariam de manter ou reformular o que possam ter dito sobre um determinado tema em momento de discussões anteriores e por quê.

Anote em um quadro os principais pontos levantados sobre argumentação revistos nas sequências de atividade até aqui. O quadro levantado poderá ser reformulado por vocês e deverá servir de apoio aos alunos e para construção de fichas de avaliações e autoavaliações de processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, oriente os alunos para que, minimamente, possam retomar quais seriam os principais tipos de argumentos e movimentos argumentativos.

Tipos de argumentos

- I. De autoridade: citação da fala de algum especialista no assunto ou de dados de pesquisa.
- II. De princípio: citação de valores, direitos, garantidos por lei ou fortemente aceitos por um grupo social.
- III. De causa e consequência: os argumentos são apresentados como “efeitos”, isto é, consequências de uma ideia antes apresentada.
- IV. Por exemplificação: são apresentados fatos que exemplificam, ilustram a ideia defendida.

Movimentos argumentativos

- I. Sustentação: o texto se orienta basicamente a partir de argumentos que reforçam o nosso ponto de vista, sem apresentarmos explicitamente outros pontos de vista.
- II. Refutação: o texto se orienta com base na apresentação e contestação de pontos de vista contrários ao nosso (contra-argumentos).
- III. Negociação: nesse caso, o texto se orienta diante da “aceitação” parcial de contrários ao nosso. No entanto, ainda assim refuta-se a outra parte.

Caso julgue adequado ao seu contexto, pode ampliar as discussões sobre argumentação indicando aos alunos que assistam ao vídeo abaixo:

COMO DISCUTIR POLÍTICA (de forma saudável!). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EEUCo1n-CBYc>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

Feito isso, proponha que durante os próximos encontros eles deverão pôr em prática as sugestões apresentadas. Deverão formar uma espécie de "Observatório Jovem", em que deverão comentar as-

suntos, tópicos e notícias relevantes aos contextos juvenis. Com isso, formar um Painel (produção coletiva) intitulado Juventude em Debate. Nesse momento, destaque a importância de respeitarem os direitos humanos e não difundir discurso de ódio e opiniões com base em dados ou notícias falsas. Para isso, eles devem fundamentar seus comentários nos tipos de argumentos estudados: argumento de autoridade (usar falas de especialistas para sustentar o seu ponto de vista sobre o assunto); argumento de exemplificação (usar fatos da sua própria experiência para sustentar a sua opinião); argumento de princípio (usar fatos e informações extraídas da realidade e conhecidos do público em geral). E também devem se basear em fontes confiáveis. Por fim, destaque que, para tanto, farão um primeiro exercício, que deverá servir de modelo e preparação para o Painel da turma.

O trabalho aqui articula práticas de leitura de textos dos campos jornalístico/midiático, da vida pública e práticas de leitura.

Portanto, para planejar o trabalho com esta sequência de atividade 8 propomos que organize o trabalho prevendo o uso de aproximadamente **8 aulas**.

Como apoio ao seu planejamento, apresentamos a seguir um quadro resumo com as habilidades em foco:

- ✓ Localizar informações explícitas em um texto;
- ✓ Inferir uma informação implícita em um texto;
- ✓ Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou ao mesmo tema.

Chegou o momento de você se posicionar e produzir seu primeiro comentário sobre uma notícia de impacto para a comunidade juvenil em sua escola. O comentário será o primeiro de uma série a ser publicada em um mural denominado **Juventudes em Debate**, o qual poderá ser lido por toda a escola.

Número de assassinatos de mulheres no Brasil em 2019 preocupa CIDH

Publicado em 04/02/2019 - 17:33

Por Letycia Bond - Repórter da Agência Brasil Brasília

A Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) manifestou, por meio de nota publicada hoje (4), preocupação quanto à elevada incidência de assassinatos de mulheres no Brasil no início deste ano. Segundo a comissão, 126 mulheres foram mortas em razão de seu gênero no país desde o início do ano, além do registro de 67 tentativas de homicídio.

A comissão diz que os casos que chegaram a seu conhecimento exigem do Estado a implementação de estratégias abrangentes de prevenção e reparação integral às vítimas, além de investigações “sérias, imparciais e eficazes dentro de um período de tempo razoável”, que possibilitem a punição dos autores dos crimes. Uma das medidas que se fazem urgentes, segundo a CIDH, é a formação, a partir de uma perspectiva de gênero, de agentes públicos e pessoas que prestam serviço público.

“A CIDH enfatiza que os assassinatos de mulheres não se tratam de um problema isolado e são sintomas de um padrão de violência de gênero contra elas em todo o país, resultado de valores machistas profundamente arraigados na sociedade brasileira”, diz a nota.

[...]

“Durante a visita *in loco* ao país, em novembro de 2018, a CIDH observou, em particular, a existência de interseções entre violência, racismo e machismo, refletidas no aumento generalizado de homicídios de mulheres negras. Ademais, a comissão vê com preocupação a tolerância social que perdura diante dessa forma de violência, bem como a impunidade que continua caracterizando esses graves casos”, diz.

Na nota, a organização, vinculada à Organização dos Estados Americanos (OEA), cita o fato de que o Brasil concentrou 40% dos feminicídios da América Latina, em 2017. “A impunidade que caracteriza os assassinatos de mulheres em razão de seu gênero transmite a mensagem de que essa violência é tolerada”, diz a CIDH.

A presidenta da CIDH, Margarette May Macaulay, reconhece o valor da lei que tipifica o feminicídio no Brasil, ao mesmo tempo que entende ser essencial que as autoridades competentes não minimizem a gravidade das queixas prestadas pelas vítimas. “É inadmissível que mulheres com medidas protetivas sejam mortas, que não contem com espaços seguros”, diz Margarette, que também é relatora da comissão sobre os Direitos das Mulheres.

Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-02/numero-de-assassinatos-de-mulheres-no-brasil-em-2019-preocupa-cidh>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

5. Na sua opinião, para além de definir o homicídio de mulheres como crime hediondo o que ainda é preciso ser feito para diminuir a violência contra a mulher no Brasil?

Em sua resposta, considere os textos e dados abaixo.

a) Apresente sua opinião de forma que o leitor tenha claro qual é: usando palavras e expressões que indicam seu posicionamento: “eu acredito”, “na minha opinião”, “não concordo” etc.;

b) Lembre-se de levantar argumentos e estabelecer conexões entre ideias conforme estudamos durante a **Atividade 4 – Levantando argumentos**;

c) Use a ficha de apoio à produção e à avaliação disponível. Lembre-se de consultá-la durante e depois da escrita da primeira versão de seu comentário sobre a importância de tipificar o feminicídio como crime hediondo no Brasil.

TEXTO 1

FEMINICÍDIO: A FACETA FINAL DO MACHISMO NO BRASIL

Carla Mereles

Por que a palavra feminicídio é importante?

“Trata-se de um crime de ódio. O conceito surgiu na década de 1970 com o fim de reconhecer e dar visibilidade à discriminação, opressão, desigualdade e violência sistemática contra as mulheres, que, em sua forma mais aguda, culmina na morte. Essa forma de assassinato não constitui um evento isolado e nem repentino ou inesperado; ao contrário, faz parte de um processo contínuo de violências, cujas

raízes misóginas caracterizam o uso de violência extrema. Inclui uma vasta gama de abusos, desde verbais, físicos e sexuais, como o estupro, e diversas formas de mutilação e de barbárie.”

Eleonora Menicucci, ministra-chefe da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência (Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República).

Um terço dos homicídios de mulheres no mundo – 35% – são cometidos por seus companheiros, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, enquanto 5% dos assassinatos de homens são cometidos por suas parceiras. A projeção da Organização das Nações Unidas é que 70% de todas as mulheres no mundo já sofreram ou irão sofrer algum tipo de violência em algum momento de suas vidas. Em 2016, um terço das mulheres no Brasil – 29% – relataram ter sofrido algum tipo de violência. Delas, apenas 11% procuraram uma delegacia da mulher e em 43% dos casos a agressão mais grave foi no domicílio.

Esses são alguns dados de muitos outros – sobre os quais falaremos adiante – e que ilustram pontos-chave para entendermos a diferença entre feminicídio e homicídio de mulheres.

O principal motivo para o uso da palavra feminicídio é de que o crime é diferente por si só, por ser um crime de discriminação, cometido contra uma mulher pelo fato de ela ser mulher. Essa discriminação provém no machismo e do patriarcado, que são maneiras culturais de a sociedade colocar a mulher num lugar de inferioridade, submissão e subserviência; de acordo com essa lente, a autoridade máxima é exercida pelo homem e automaticamente a mulher se torna um ser desimportante, que deve dedicar sua vida à servir (principalmente os homens).

Por vezes, mulheres sofrem diversos tipos de violência de gênero – sexual, psicológica, moral, física, doméstica – até que lhe seja tirada a vida. Esse foi o caso de Eloá Cristina Pimentel, de 15 anos, assassinada em 2008 após ser mantida refém por mais de 100 horas pelo ex-namorado Lindemberg Fernandes Alves. A existência dessas formas de violência na vida de tantas mulheres chama a nossa atenção para o fato de que o feminicídio pode ser evitado, por muitas vezes ser o ápice de um processo de violência contínua e que muitas vezes está dentro de casa.

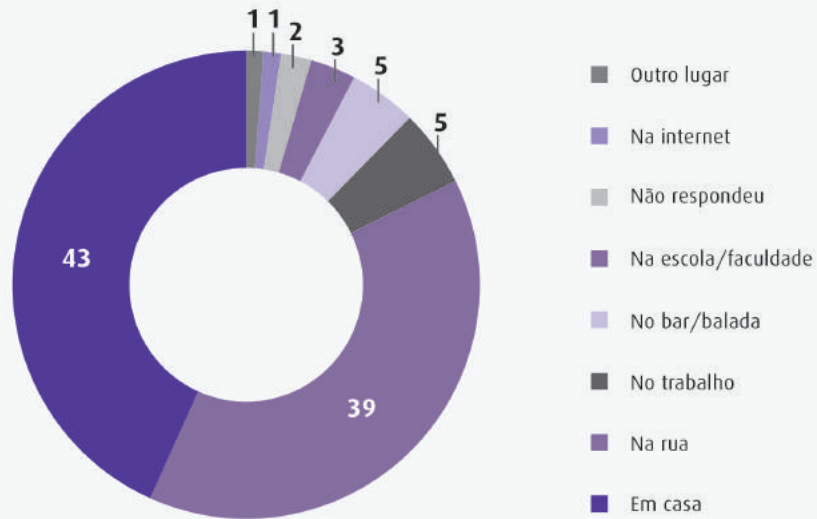
A tipificação do feminicídio como crime de gênero se faz necessária por estar diretamente ligado à violência de gênero e por ser um crime passível de ser evitado – principalmente às vítimas de violência doméstica, que podem ter suporte e seus agressores punidos conforme prevê a lei. De acordo com o Atlas da Violência e outros relatórios, “os dados apresentados [sobre violência contra a mulher e feminicídio] revelam um quadro grave, e indicam também que muitas dessas mortes poderiam ter sido evitadas. Em inúmeros casos, até chegar a ser vítima de uma violência fatal, essa mulher é vítima de uma série de outras violências de gênero, como bem especifica a Lei Maria da Penha (Lei 11.340/06). A violência psicológica, patrimonial, física ou sexual, em um movimento de agravamento crescente, muitas vezes, antecede o desfecho fatal.”

 Créditos: www.politize.com.br. Conteúdos retirados do portal Politize!”. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/feminicidio/>.

>. Acesso em: 17 jun. 2019.

TEXTO 2

Gráfico 14: Tipo de local considerando a violência mais grave sofrida nos últimos 12 meses, por faixa etária, Brasil (%).



Fonte: Datafolha/FBSP, 2017.

Disponível em: <<http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/03/relatorio-pesquisa-vs4.pdf>> Acesso em: 17 jun. 2019.

TEXTO 3



Disponível em: <<https://ponte.org/brasil-abre-uma-investigacao-por-feminicidio-a-cada-tres-horas/>> Acesso em: 17 jun. 2019.

TEXTO 4

COMO DISCUTIR POLÍTICA DE FORMA SAUDÁVEL?

Isabela Souza

O QUE É UM BOM ARGUMENTO?

Por falar em argumentos fortes, existem alguns critérios imprescindíveis que caracterizam uma boa argumentação. O primeiro deles é nunca esquecer de fazer o dever de casa. Muitas vezes gostamos muito de um tema e fica difícil resistir a um debate sobre ele. Mas você tem certeza de que domina realmente o assunto?

1. Evite achismos e generalizações

Antes de falar sobre ele, tenha certeza de que pesquisou o suficiente, em diferentes fontes, todas elas bastante confiáveis. Se você consegue discutir a questão de forma aprofundada e sem recorrer a generalizações ou achismos, está no caminho correto. Caso contrário, pense duas vezes antes de se animar e participar da discussão. Não existe problema algum em assumir que não sabe o suficiente sobre um tema, todos nós precisamos aprender e às vezes isso leva tempo. Seja paciente!

2. Opinião não é argumento

Essa frase pode doer em muita gente, mas de fato opiniões não são argumentos, ainda que nossas crenças possam inferir sobre nossa argumentação.

Nossas opiniões são embasadas em vivências de vida, na forma com que enxergamos o mundo. O problema disso é que podemos esquecer que nem todo mundo vive como a gente. Temos acesso a uma visão bastante limitada da realidade e isso coloca em cheque o quanto sabemos de algo, quando não recorremos à ciência. Por isso, procure ler o maior número de estudos científicos sobre o tema em debate. Evite buscar respostas apenas na sua vivência, pois ela diz respeito somente à sua própria realidade e quase sempre carregada de muitas emoções.

E lembre-se, nunca tente mudar a opinião do outro. Você já viu, em um debate entre candidatos, algum deles mudando de opinião durante a conversa? Então não espere que o desfecho do seu debate seja necessariamente alguém mudando a forma com que pensa. Lembre que existem diversas razões para que alguém pense da forma que pensa. Se não somos capazes de entender quais são elas, cabe a cada um de nós ao menos respeitar, o famoso “concordar discordando”.

 **politize!** Créditos: www.politize.com.br. Conteúdos retirados do portal Politize!“. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/como-discutir-politica-de-forma-saudavel/>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

Para saber mais, sugerimos que, se possível, você pesquise os seguintes links:

Violência contra a mulher. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/violencia-contra-a-mulher-questoes-vitais/>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

Brasil abre uma investigação sobre Femicídio a cada três horas. Disponível em: <<https://ponte.org/brasil-abre-uma-investigacao-por-feminicidio-a-cada-tres-horas/>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

A vitimização de mulheres no Brasil. Disponível em: <<http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/03/relatorio-pesquisa-vs4.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

6. Use a ficha de apoio à produção e à avaliação disponível. A seguir, você encontra a tabela com os critérios para a produção e revisão de seu comentário. Lembre-se de consultá-la durante e depois da escrita da primeira versão do seu texto.

Ficha de apoio à produção e avaliação de comentário - Juventudes em Debate I			
	Muito Bom	Bom	Posso melhorar
A resposta apresenta sua opinião sobre a questão proposta - <i>Na sua opinião, para além de definir o homicídio de mulheres como crime hediondo o que ainda é preciso ser feito para diminuir a violência contra a mulher no Brasil?</i>			
A opinião está acompanhada de argumento(s) que justifica(m) seu ponto de vista?			
Foram considerados os textos e dados indicados na atividade?			
Foram estabelecidas conexões entre ideias conforme estudado?			
O texto está livre de palavras, expressões ou ideias que desrespeitam os direitos humanos e que possam alimentar discursos de ódio?			
As palavras foram escritas de acordo com a ortografia corrente?			
Apresenta a sua opinião de forma que o leitor tenha claro qual é: usando palavras e expressões que indicam seu posicionamento. (Por exemplo: “eu acredito”, “na minha opinião”, “não concordo” etc.)?			
Houve uso adequado e intencional de sinais, contribuindo para os sentidos do texto, como especial atenção para interrogação, exclamação, aspas e parênteses?			

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES 9

JUVENTUDES EM DEBATE – PARTE 2

Professor, converse com os estudantes propondo que, durante as próximas semanas, eles assumirão o compromisso de manter "Observatório Jovem" e o Painel "Juventude em Debate" ativos. Para isso, deverão se comprometer em organizar rodas de conversa voltadas para o "monitoramento" de assuntos relevantes para serem debatidos pelas culturas juvenis, parte da comunidade escolar. Nesse sentido, deverão levantar matérias jornalísticas (notícias, reportagens, artigo de opinião etc.) e pesquisas que tragam à luz questões para serem debatidas e comentadas pelo grupo. Enfatize que, para esses encontros, eles deverão se manter atentos a qual será o fato/fenômeno que será colocado em pauta, sua relevância às culturas juvenis, as fontes utilizadas; e que, principalmente, respeitem os direitos humanos e que não difundam discurso de ódio e opiniões com base em dados ou notícias falsas. Nesse momento, caso julgue adequado a seu contexto escolar, você pode promover leitura e debate sobre liberdade e discurso de ódio:

INCISO IV – A “LIBERDADE DE PENSAMENTO”. Disponível em: < <https://www.politize.com.br/artigo-5/liberdade-de-pensamento/>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

LIBERDADE DE EXPRESSÃO E LIBERDADE DE IMPRENSA: QUAIS AS DIFERENÇAS? Disponível em: < <https://www.politize.com.br/liberdade-de-expressao-liberdade-de-imprensa/>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

Em seguida, promova uma breve discussão sobre o desafio que eles estão prestes a encarar:

- Como poderão se organizar?
- Quais serão suas ações?
- Qual a importância de se manter nos tempos escolares oportunidade para uma atividade como a que eles realizarão?

Estabeleça alguns combinados, principalmente, com relação às ações e responsabilidades que poderão ser tomadas individual e coletivamente durante os próximos encontros para o bom funcionamento do "Observatório Jovem" e do Painel "Juventude em Debate".

Levante com eles o foco dos próximos encontros: a que deverão ficar atentos e o quê deverão trazer para ser apresentado e discutido com a turma. Frise a importância de trazerem exemplos (jornais, revistas, reportagens retiradas da internet etc.) para serem discutidos e debatido entre os colegas.

Para tanto, levante outros temas e assuntos que possam ser objeto de discussão: questões sociais, de meio ambiente etc. Você pode, nesse momento, explorar algum tema de interesse da turma. Pode, por exemplo, levantar com os alunos o que pensam sobre maioridade penal aos 16 anos. Nesse sentido, você pode explorar a matéria criada pela Agência Jovem - Você concorda com a maioridade penal aos 16 anos?. Disponível em: <<https://www.agenciajovem.org/wp/fala-povo-voce-concorda-com-a-maioridade-penal-aos-16-anos/>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

Peça que leiam a matéria indicada e retomem o que discutiram sobre argumento por meio do quadro que construíram coletivamente durante sequência de atividade 8. Em seguida, que destaquem o posicionamento, as teses defendidas e os argumentos levantados pelos entrevistados. Por fim, indique que debatam a questão e que preencham quadro (indicado abaixo) com o posicionamento e comentários dos colegas da turma.

Questão – Você é a favor ou contra a maioria penal aos 16 anos?	
Aluno	Argumento(s) levantado(s) que sustenta(m) a opinião do participante.
Resposta: A favor () Contra () Em parte ()	

Acompanhe as discussões e, ao final, defina com os alunos o foco dos próximos encontros: defina a que deverão ficar atentos em suas leituras durante a semana e o que deverão trazer. Indique que deverá haver um revezamento de times que ficarão responsáveis por colocar em discussão os conteúdos, assuntos e fatos para serem comentados. As rodas de conversa deverão ser organizadas pelos grupos responsáveis: a cada aula um ou mais grupos ficarão responsáveis por apresentar fatos relevantes para discussão.

Para se planejarem para as rodas de conversa, sugira que busquem produzir um breve resumo da(s) reportagem(ns)/pesquisa(s)/notícia(s)/vídeo(s) selecionado(s) e levanten as seguintes informações para serem apresentadas e discutidas com a turma:

- Qual o fato em debate?
- Do que se trata?
- Qual a relevância do tema?
- Que questão pode guiar o debate?
- Quais foram as fontes consultadas? E o que elas revelam?

No dia marcado, o(s) grupos(s) responsável(eis) deve(m) combinar com o restante da turma como deverão ser apresentadas, discutidos, observadas e sintetizadas as informações e comentários no Painel da turma. Surgira que sigam, como modelo, procedimento semelhante ao que foi desenvolvido na Atividade 7 - Discuta com seus colegas: Lugar de fala e liberdade de expressão. É importante que definam previamente um tempo para que cada aluno(a) compartilhe os resultados obtidos e um tempo para fecharem a discussão, buscando destacar como se posicionam diante do tema e como as leituras ajudaram (ou não) a desenvolverem um olhar crítico sobre o assunto em questão.

Se julgar adequado ao seu contexto escolar, pode sugerir que os alunos produzam como complemento ao "Observatório Jovem" da turma uma revista digital, seguindo o modelo abaixo:

- **Questão de gênero.** Disponível em: <<https://www.scoop.it/topic/questoes-de-genero>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

Se esse for o caso, disponibilize tutorial para criação de revista digital:

- **Tutorial - revista digital.** Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1SsMs4qC5gNFkJ0KE6pc7a3FnNo1OaszK/view?usp=sharing>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

O trabalho aqui descrito, articula práticas de leitura de textos dos campos jornalístico/midiático, da vida pública e práticas de leitura.

Portanto, para planejar o trabalho com esta sequência de atividade 8 propomos que organize o trabalho prevendo o uso de aproximadamente **10 aulas**.

Como apoio ao seu planejamento, apresentamos a seguir um quadro resumo com as habilidades em foco:

- ✓ Localizar informações explícitas em um texto;
- ✓ Inferir uma informação implícita em um texto;
- ✓ Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou ao mesmo tema.

Vamos dar continuidade ao **Juventudes em Debate**?

Nesse momento, vocês deverão propor um tema ao grupo para discussão.

O que comentar?

Vocês deverão selecionar um tema para discussão que seja relevante ao tema do Painel **Juventudes em Debate**? Em seguida, escrever um comentário e se posicionar sobre o tema de interesse da turma. O comentário será publicado em um mural Juventudes em Debate e poderá ser lido por toda a escola.

Se informe sobre o assunto

Selecione textos para comentar. Lembre-se seu comentário será produzido para circular nos espaços destinados à comunidade escolar.

Algumas sugestões de sites como textos interessantes:

Realize a leitura, atento às informações apresentadas e/ou ao posicionamento do autor do texto em relação ao tema apresentado.

Tome posição sobre o tema

Em grupos, retome as discussões realizadas nas atividades anteriores e assuma uma posição em relação ao texto lido.

Planejando o texto

Ao planejar seu comentário, é muito importante definir os tipos de argumentos que irá usar para justificar sua opinião sobre o assunto tratado no texto lido. Lembre-se: é fundamental que você respeite os direitos humanos e não difunda discurso de ódio e opiniões falsas.

Dessa forma, você deve:

Fundamentar seus comentários nos tipos de argumentos estudados: **argumento de autoridade; argumento de exemplificação; argumento de princípio.**

Basear-se em fontes confiáveis – pesquisas e dados oficiais.

Algumas indicações para você pesquisar:

Fórum brasileiro de segurança pública. Disponível em: <<http://www.forumseguranca.org.br/>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. Disponível em: <<http://www.forumseguranca.org.br/>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

Atlas da Violência. Disponível em: <<http://ipea.gov.br/atlasviolencia/>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

Apresente sua opinião de forma que o leitor tenha claro qual é: usando palavras e expressões que indicam seu posicionamento: “eu acredito”, “na minha opinião”, “não concordo” etc.

Estabelecer conexões entre ideias conforme estudamos durante a **Atividade 4 –**

Levantando argumentos.

Lembre-se de usar a ficha de apoio para produção e à avaliação de seu comentário. Consulte a ficha durante e depois da escrita da primeira versão de seu texto.

Produzindo o comentário

Uma vez que você já definiu o seu ponto de vista sobre a questão polêmica e já decidiu que argumentos vai usar para defendê-lo, é o momento de partir para a escrita do seu texto. Use a ficha de apoio. Lembre-se de consultá-la durante e depois da escrita da primeira versão do seu texto.

Ficha de apoio à produção e avaliação de comentário - Juventudes em Debate II			
Tema em debate: _____	Muito Bom	Bom	Posso melhorar
O tema selecionado para discussão e relevante ao tema do Painel Juventudes em Debate?			

O texto selecionado para o comentar é adequado ao tema selecionado para discussão?			
Foram realizadas leituras atentas às informações apresentadas e/ou ao posicionamento do autor do texto em relação ao tema de discussão?			
Foram estabelecidas conexões entre ideias conforme estudado?			
O texto está livre de palavras, expressões ou ideias que desrespeitam os direitos humanos e que possam alimentar discursos de ódio?			
As palavras foram escritas de acordo com a ortografia corrente?			
Foi assumida uma posição clara em relação ao texto lido e ao tema selecionado para discussão?			
O comentário baseia-se em fontes confiáveis – pesquisas e dados oficiais?			
O texto está livre de palavras, expressões ou ideias que desrespeitam os direitos humanos e que possam alimentar discursos de ódio?			
Foram estabelecidas conexões entre ideias conforme estudado?			
A opinião está acompanhada de argumento(s) que justifica(m) seu ponto de vista?			
Apresenta a sua opinião de forma que o leitor tenha claro qual é: usando palavras e expressões que indicam seu posicionamento. (Por exemplo: “eu acredito”, “na minha opinião”, “não concordo” etc.)?			
Houve uso adequado e intencional de sinais, contribuindo para os sentidos do texto, como especial atenção para interrogação, exclamação, aspas e parênteses?			

Referências Bibliográficas

ALVES FILHO, F. **Gêneros Jornalísticos**: notícias e cartas de leitor no ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2012.

BARBOSA, J. P. Do professor suposto pelos PCNs ao professor real de Língua Portuguesa: São os PCNs praticáveis? In Rojo, R. H. R. (org.). **A prática de linguagem em sala de aula**: Praticando os PCNs. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

_____. **J. P. Notícia**. SP: FTD. Coleção trabalhando com os gêneros do discurso, 2001.

BARBOSA, J. P.; AIMEIDA, M., E. **O assunto em pauta é...**, São Paulo: Currículo+ 2016.

CARMAGNANI, A. M.G. O Jogo Discursivo na Aula de Leitura: Por uma abordagem alternativa para o ensino de leitura: a utilização do jornal na Sala de Aula. In: CORACINI, M. J. (Org.) **O Jogo Discursivo na Aula de Leitura**: língua materna e língua estrangeira. Campinas, SP: Pontes, 2010. p. 123-132.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. & PIETRO, J-F. Relato da elaboração de uma sequência: o debate público. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. & PIETRO. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Glaís Sales Cordeiro e Roxane Rojo. Campinas, SP: Mercado de Letras. 2ª edição, 2010.

FOLHA UOL. **Manual de redação**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_introducao.htm>. Acesso em: 28 jun. 2019.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual da redação da folha de São Paulo**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1996.

_____. **Manual da redação da folha de São Paulo**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2018.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **A cultura-mundo**: Resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Cia da Letras, 2011.

O ESTADO DE S. PAULO. **Manual de redação e estilo**. 3. ed. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1997.

ROJO, R. H. R.; ALMEIDA, M. E. (Orgs.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, R. H. R. (Org.). **Escola@ conect@d@**: Multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

ROJO, R. H. R.; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade**, multiletramentos e gêneros discursivos – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. & PIETRO. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Glaís Sales Cordeiro e Roxane Rojo. Campinas, SP: Mercado de Letras. 2ª edição, 2010.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
COORDENADORIA PEDAGÓGICA – COPED

Coordenador

Caetano Pansani Siqueira

Assessor Técnico

Vinicius Gonzalez Bueno

**Diretora do Departamento de Desenvolvimento
Curricular e de Gestão Pedagógica – DECEGEP**

Valéria Arcari Muhi

Diretora do Centro de Ensino Médio – CEM

Ana Joaquina Simões Sallares de Mattos Carvalho

**Diretora do Centro de Anos Finais do Ensino
Fundamental – CEFAF**

Carolina dos Santos Batista Murauskas

Equipe Curricular de Língua Portuguesa

Katia Regina Pessoa

Mary Jacomine da Silva

Mara Lucia David

Marcos Rodrigues Ferreira

Teônia de Abreu Ferreira

COLABORADORES

Redatores de Língua Portuguesa

Katia Regina Pessoa

Eduardo Almeida

Anotações

Anotações

70

Anotações

[illegible]

Anotações

72

Anotações

[illegible]

Anotações

Anotações

[illegible]

Anotações

76



| Secretaria de Educação

APRENDER SEMPRE

Material do Professor